

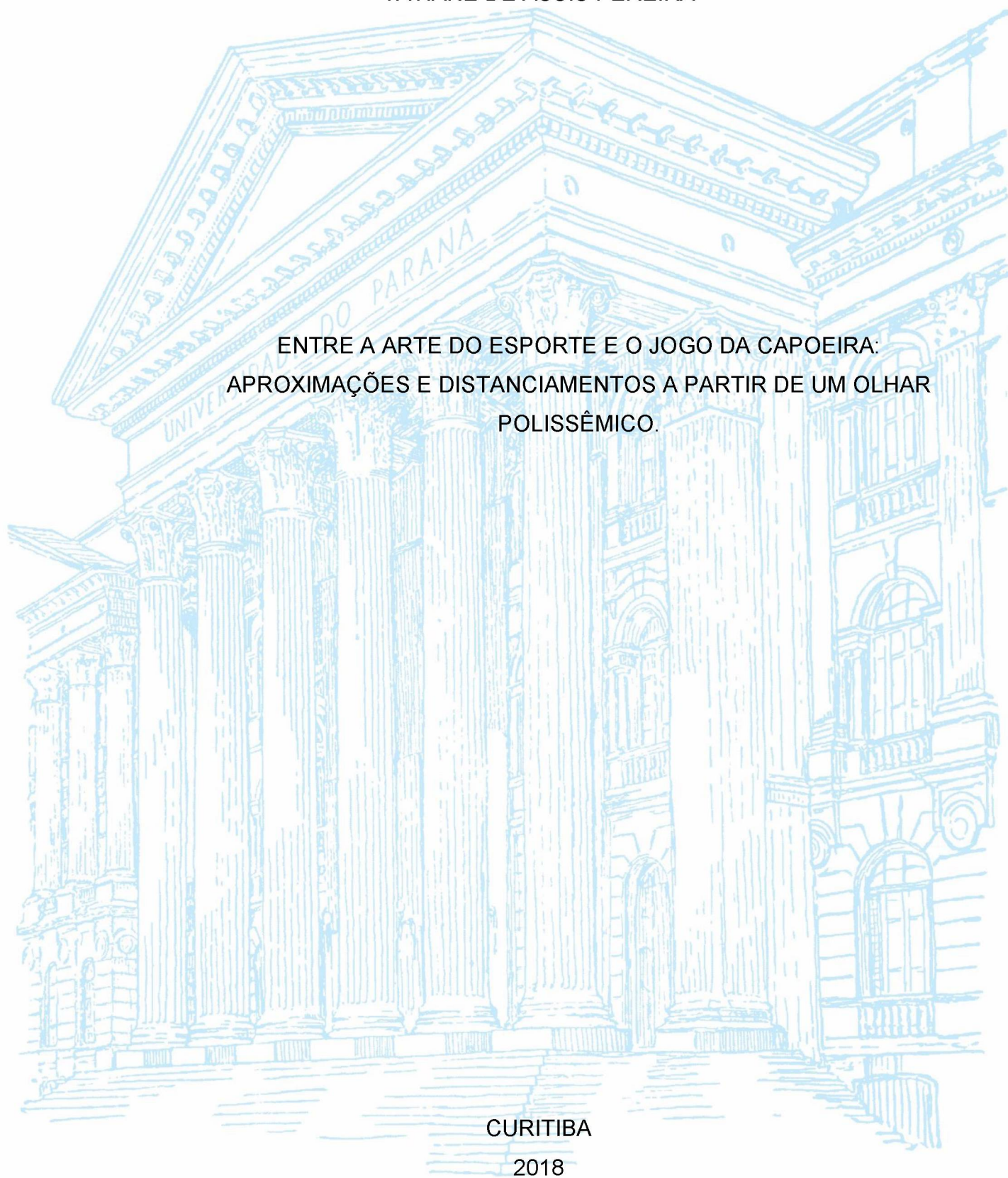
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

TATIANE DE ASSIS PEREIRA

ENTRE A ARTE DO ESPORTE E O JOGO DA CAPOEIRA:  
APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS A PARTIR DE UM OLHAR  
POLISSÊMICO.

CURITIBA

2018



TATIANE DE ASSIS PEREIRA

ENTRE A ARTE DO ESPORTE E O JOGO DA CAPOEIRA:  
APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS A PARTIR DE UM OLHAR  
POLISSÊMICO.

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Wanderley Marchi Júnior

CURITIBA  
2018

Universidade Federal do Paraná. Sistema de Bibliotecas.  
Biblioteca de Ciências Biológicas.  
(Telma Terezinha Stresser de Assis –CRB/9-944)

Pereira, Tatiane de Assis

Entre a arte do esporte e o jogo da capoeira: aproximações e distanciamentos a partir de um olhar polissêmico. / Tatiane de Assis Pereira.  
– Curitiba, 2018.

80 p.: il. ; 30cm.

Orientador: Wanderley Marchi Júnior

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

1. Capoeira. 2. Esportes. 3. Sociologia. I. Título. II. Marchi Júnior, Wanderley. III. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

CDD (20. ed.) 796.81



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

### TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO FÍSICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **TATIANE DE ASSIS PEREIRA** intitulada: Entre a arte do esporte e o jogo da Capoeira: Aproximações e distanciamentos a partir de um olhar polissêmico, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito da defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 30 de novembro de 2018.

WANDERLEY MARCHI JÚNIOR

Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

MIGUEL ARCHANJO DE FREITAS JUNIOR

Avaliador Externo (UEPG)

ANDRÉ MENDES CAPRARO

Avaliador Interno (UFPR)



## AGRADECIMENTOS

Ser grato é reconhecer, momentos, gestos, pessoas...

É enaltecer as grandes e pequenas coisas da vida...

É saber dizer obrigad@, pelo muito ou pouco que se tem...

É admirar tudo que já possui, inclusive você, sua vida, sua determinação, sua garra, seu poder e todos os demais sinônimos que dão sentido a essa força que emana de dentro de nós e nos faz levantar a cada dia mais confiantes de que vamos atingir nosso objetivo, e que nada nem ninguém irá nos impedir de alcançar nossas metas.

Por isso agradeço, por ser quem sou, pelo meu entusiasmo, energia, foco, persistência, responsabilidade e competência. Pode parecer pretensão, mas aprendi que na vida o primeiro reconhecimento tem que vir de você mesmo. Sou grata a tudo que aconteceu e a tod@s que passaram pela minha vida, de forma agradável ou não, inclusive nessa pequena mas intensa jornada acadêmica. Momentos e pessoas que me fizeram ter a certeza daquilo que já imaginava, que sempre posso ir mais longe.

Personificando essa gratidão, gostaria de parabenizar a todas as pessoas que fazem e fizeram da UFPR a instituição que nos acolhe, que nos ensina, que nos transforma e que nos enche de orgulho, orgulho de fazer parte dessa história, uma história de amor e de crença em uma instituição pública livre, acessível e laica.

Um agradecimento especial ao meu orientador, Wanderley Marchi Júnior, que foi inspiração, exemplo, liderança e educador. Obrigada pelos ensinamentos e pelo cuidado com cada detalhe, sempre na busca pela manutenção da qualidade que é sinônimo do seu trabalho e que me fez querer seguir seus passos.

Obrigada aos integrantes do grupo CEPELS – Centro de Estudo e Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade, pelo olhar cuidadoso com meu trabalho, pelas contribuições e pela exclusividade em cada reunião.

Aos professores André Mendes Capraro e Miguel Archanjo de Freitas Júnior, por terem aceitado prontamente o convite em compor a banca avaliadora e terem se disponibilizado em ler e avaliar minha dissertação. A gentileza e profissionalismo de vocês muito obrigada.

Ao querido secretário do PPGEDF, Rodrigo Waki, que sempre me atendeu de forma educada, generosa, sempre solícito aos meus pedidos. Parabéns pelo empenho de sempre e pela sua dedicação.

Aos professores e colegas do Departamento de Educação Física que direta ou indiretamente auxiliaram nessa caminhada, seja com disciplinas, sanando dúvidas, incentivando, compartilhando experiências, nos divertindo, obrigada.

As amizades que construí e as que se solidificaram, obrigada.

Falando em amigos, quando olhamos para o nosso lado e vemos alguém que está sempre presente, alguém que não te deixa desanimar, que luta com você, que te encoraja, te elogia, te suporta, te quer bem, não tem como desistir, porque ele vive seu sonho com você, espera com você, batalha com você, e por isso mesmo merece comemorar com você. Eu tive a sorte de encontrar alguém assim, uma luz no meu caminho, um chão para os meus passos, um ombro para as minhas lágrimas, um calmante para minha ansiedade, um cofre para meus segredos, um coração para todo meu amor, um companheiro para minha vida, Nicolau, obrigada por ser meu porto seguro não só na calmaria, mas nas tempestades também. Te Amo!

“Por favor não me desrespeite,  
Não me trate com indiferença,  
Quando chegar a minha vez de jogar,  
Não me venha pedir licença. ”

(Tatiane Pereira)

## RESUMO

O esporte é um fenômeno social em processo de constituição e objeto de estudo que pode ser interpretado a partir de diferentes teorias e propostas metodológicas. É preciso levar em consideração suas diversas possibilidades de entendimento e compreendê-lo melhor nas diferentes perspectivas que assume. Com várias formas de manifestação o esporte pode ser considerado um universo, e por esse motivo não podemos reduzir seu entendimento a um só significado. Desse modo, entendendo que o esporte é plural e não engessado em uma única e determinada definição sua análise foi feita juntamente com outra manifestação que muitas vezes também sofre reducionismos: a capoeira. A Capoeira atualmente é considerada um fenômeno plural e multifacetado sendo objeto de estudo de diversas áreas que buscam compreender os diferentes processos que a constitui, sejam históricos, sociológicos, culturais, entre outros. Ela é uma manifestação cultural afro-brasileira e de dimensão múltipla, porque ao mesmo tempo pode ser tomada como dança, luta, filosofia, arte, jogo entre outras definições. Pensando na dificuldade em compreender as singularidades e controvérsias de ambos os fenômenos, esporte e capoeira, e esclarecendo que em nenhum momento a intenção é hierarquizar um ou outro, e tampouco fazer comparações, o objetivo dessa pesquisa é descrever quais as possibilidades de aproximação e distanciamento da Capoeira e do Esporte a partir de uma perspectiva polissêmica. O estudo tem caráter qualitativo, de cunho bibliográfico-documental e exploratório-descritivo. O envolvimento com a capoeira aliado a carência de estudos que se dediquem ao tema capoeira e esporte analisados juntos motivou o desenvolvimento deste trabalho. Para a compreensão do esporte será utilizado o modelo analítico proposto por Wanderley Marchi Júnior, que reúne um conceito do esporte amplo, baseado no que ele chama de "5 E's". A intenção não é excluir muito menos desqualificar os demais pontos de vista, mas agregar com esta escolha a possibilidade de ampliação do conceito, apresentando uma forma de interpretar toda a complexidade que envolve ambas as temáticas, e sem a pretensão de afirmar que seja a única. Como resultado identificamos aproximações com os "E's" da Emoção e da Ética, com aproximações e possibilidade de expansão do conceito com o "E" da Estética, com proximidades e distanciamentos o "E" do Educacional e com distanciamentos o "E" do Espetáculo. Espera-se que este estudo possa estimular a reflexão sobre o esporte de forma conjunta com a capoeira, enquanto áreas que se integram e que se relacionam mutuamente, auxiliando também num melhor entendimento sobre o conceito de esporte polissêmico.

Palavras-chave: Capoeira. Esporte. Polissemia. Sociologia do Esporte.



## **ABSTRACT**

Sport is a social phenomenon in the process of constitution and object of study that can be interpreted from different theories and methodological proposals. It is necessary to take into account its diverse possibilities of understanding and to understand it better in the different perspectives that it assumes. With many forms of manifestation sport can be considered a universe, and for this reason we can not reduce its understanding to a single meaning. Thus, understanding that sport is plural and not cast in a single definition, its analysis was made along with another manifestation that also often suffers from reductionism: capoeira. Capoeira is currently considered a plural and multifaceted phenomenon being the object of study of several areas that seek to understand the different processes that constitute it, be they historical, sociological, cultural, among others. It is an Afro-Brazilian cultural manifestation and multiple dimension, because at the same time can be taken as dance, struggle, philosophy, art, play among other definitions. Thinking of the difficulty in understanding the singularities and controversies of both phenomena, sport and capoeira, and clarifying that at no time does the intention to rank one or the other, nor make comparisons, the purpose of this research is to describe the possibilities of approach and distance Capoeira and Sport from a polysemic perspective. The study has a qualitative character, with bibliographic-documentary and exploratory-descriptive character. The involvement with capoeira together with the lack of studies that focus on the capoeira and sport theme analyzed together motivated the development of this work. To understand the sport will be used the model of polysemic analysis proposed by Wanderley Marchi Júnior, which brings together a broad concept of sports, based on what he calls "5 E's." The intention is not to exclude much less disqualify the other points of view, but to add with this choice the possibility of extending the concept, presenting a way of interpreting all the complexity that involves both thematic, and without claiming to be the only one. As a result, we identify approximations with the "E's" of Emotion and Ethics, with approximations and possibility of expansion of the concept with the "E" of Aesthetics, with proximities and distances the "E" of Educational and with distancing the "E" of the Spectacle. It is hoped that this study may stimulate reflection on sport in conjunction with capoeira, as areas that are integrated and that relate to each other. It also helps in a better understanding of the concept of polysemic sports.

**Keywords:** Capoeira. Sport. Polysemy. Sociology of Sport.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - MODELO DE ANÁLISE DO ESPORTE: 5E's .....	32
FIGURA 2 - "JOGAR CAPOERA" ou "DANSE DE LA GUERRE" DE JOHANN MORITZ RUGENDAS .....	366
FIGURA 3 - FREVO EM RECIFE/PE NA DÉCADA DE 1950 E NA ATUALIDADE.....	377
FIGURA 4 - PINTURA DE CARYBE RETRATANDO A CAPOEIRA.....	388
FIGURA 5 - RODA DE CAPOEIRA POR PIERRE VERGER.....	388
FIGURA 6 E FIGURA 7 - MESTRE BIMBA E MESTRE PASTINHA.....	39
FIGURA 8 - MESTRE BIMBA CUMPRIMENTA O PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS APÓS APRESENTAÇÃO EM SALVADOR - 1953.....	400
FIGURA 9 - CARTAZ DO FILME "BESOURO: DA CAPOEIRA, NASCE UM HERÓI" – 2009 .....	422
FIGURA 10 - PERSONAGEM ZÉ MARIA DA NOVELA "LADO A LADO" DA REDE GLOBO ENSINA CAPOEIRA A CRIANÇAS - 2012/2013.....	433
FIGURA 11 - CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO PROJETO "ESPORTE EM AÇÃO" NO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DOS PINHAIS/PR - 2013 .....	433
FIGURA 12 - OS BRASILEIROS MESTRE FALCÃO E MESTRE LUIZ RENATO JOGANDO CAPOEIRA EM PARIS - 1995.....	444
FIGURA 13 - RODA DE CAPOEIRA QUE ACONTECEU EM GENEVRA, NA SUIÇA DURANTE O DISCURSO DE GILBERTO GIL NA CONVENÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS EM 2004 .....	455
FIGURA 14 - BATERIA COMUMENTE UTILIZADA NA RODA DE CAPOEIRA.....	488
QUADRO 1 - ALGUNS PAÍSES EM QUE A CAPOEIRA É PRATICADA E O NÚMERO DE LOCAIS EM QUE EXISTE A PRÁTICA DA CAPOEIRA EM CADA UM DELES DE ACORDO COM O SITE DO MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES EM FEVEREIRO DE 2018. ....	49
QUADRO 2 - PAÍSES REGISTRADOS À WORLD CAPOEIRA FEDERATION (WCF) .....	61
FIGURA 15 - CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO ENCONTRO INTERNACIONAL DE CAPOEIRA ANGOLA DO GRUPO MATUMBE CAPOEIRA - ITALIA 2018.....	500
FIGURA 16 - CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO XV ENCONTRO INTERNACIONAL DE CAPOEIRA FILHOS DE ANGOLA - BERLIN 2016.....	500

FIGURA 17 - CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO XVII CAMPEONATO EUROPEU ABADA DE CAPOEIRA - FRANÇA 2015.....	511
QUADRO 2 - PAÍSES REGISTRADOS À WORLD CAPOEIRA FEDERATION (WCF) .....	611
FIGURA 18 - RELAÇÃO ESPORTE – CAPOEIRA E OS 5 E´s .....	65

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>2. ESPORTE: “A ARTE DA RESILIÊNCIA” .....</b>	<b>25</b>
2.1 A POLISSEMIA DO ESPORTE .....	30
<b>3 CAPOEIRA: “O JOGO QUE NEGACEIA” .....</b>	<b>35</b>
<b>4 ENTRE A GINGA DA CAPOEIRA E AS DIMENSÕES DO ESPORTE: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS A PARTIR DE UM OLHAR POLISSÊMICO .....</b>	<b>55</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>66</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>70</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>78</b>



## APRESENTAÇÃO

Sempre me senti atraída pela prática de atividade física, nasci e morei até os 6 anos de idade na zona rural de Garuva, Santa Catarina, tinha como vizinho dois rios que margeavam minha casa. Nadar não era uma opção, era obrigação, até por uma questão de sobrevivência. Meu pai faleceu e minha mãe e eu nos mudamos para Curitiba, onde viviam meus avós e tios maternos. Na cidade grande as brincadeiras eram um pouco diferentes, a diversão acontecia na rua, metade asfaltada, outra metade buracos. Mas as opções eram várias, e mesmo sendo uma das únicas meninas entre os mais de 10 garotos, consequentemente sendo voto vencido na hora de escolher as brincadeiras, nos divertíamos muito e nem percebíamos a noite chegar.

Comecei a trabalhar com 12 anos, na minha segunda experiência profissional fui ser atendente de uma academia. Foi inevitável me envolver em todas as atividades do estabelecimento, uma delas era a capoeira. Foram poucas aulas porque logo tive que sair de lá. Passados alguns anos, tinha terminado o ensino médio, era menor aprendiz na Câmara Municipal de Curitiba, e tinha as manhãs livres. Resolvi voltar a fazer musculação, numa academia próxima de casa, em que ia pedalando, marcava presença três vezes na semana. Um dia escutei um som que vinha do subsolo da academia, área destinada as lutas, desci para ver o que era. Quando olhei era uma roda de capoeira, o som era do berimbau, tocado pelo homem que viria a ser meu mestre.

Na semana seguinte iniciei nos treinos, não demorou muito pedi ao mestre um berimbau, com uma semana treinando consegui o que muitos demoram anos, ou nem conseguem, tocar e cantar ao mesmo tempo. Na época não tinha a dimensão do que havia realizado, recebi um “parabéns” do meu mestre, coisa difícil de se ter, e percebi que a capoeira tinha se tornado minha nova paixão. Nesses quase 13 anos tivemos altos e baixos como qualquer relacionamento.

O grupo do qual faço parte desde o início possui uma veia cultural muito forte. Estamos numa constante apropriação da cultura nordestina, em especial a pernambucana pela origem de meus mestres. O casal, líderes desse grupo que teve origem em Curitiba no ano de 1993, vieram de Recife e fixaram residência na capital paranaense. Muitas pessoas passaram pelo grupo ao longo desses anos, inclusive na

“filial” que foi organizada em Pernambuco que tem a supervisão do mestre, e outros tantos permanecem nessa jornada.

No nosso dia a dia além dos treinos e rodas, também existe a organização de eventos, como os de batizado e troca de cordas, e os culturais. Porém, em qualquer um deles a presença da cultura brasileira está presente, seja nos passos do frevo, do samba de roda, do maculelê, do xaxado, entre outros que agregamos e que há muito tempo fez o grupo ser referência nesses aspectos em Curitiba. Foi por esse e por outros motivos que quando falavam para mim que a capoeira era esporte eu discordava totalmente. Afinal, a ideia de esporte que sempre me fora apresentada era a de regras rígidas, a existência de treinamento de *performance*, a busca por resultados, metas, medalhas, competições, enfim, o foco no alto rendimento.

Mas aí me deparei com um novo entendimento de esporte, novidade até então para mim, uma “definição” se é que podemos enquadrar assim muito mais abrangente e flexível do que a que sempre me foi exposta. A ideia de uma perspectiva polissêmica, ou seja, que tem mais de um significado, ou ainda que tem muitos significados juntos, e que não é necessário ter um limite, nada é excludente, e também não existe rigorosamente um certo ou errado, e isso abriu meus olhos para novas perspectivas.

Pude perceber e entendi a riqueza que passava a ser uma discussão entre esses dois fenômenos que me atraem tanto, a capoeira e o esporte. Eles não precisam ser antagônicos e tratados de maneira oposta, pelo contrário, ao tentar formular um problema para esta pesquisa foi importante ter a certeza de que tanto a capoeira como o esporte são movimentos muito abrangentes e que tentar delimitar um ou outro seria contradição de minha parte.

Por este motivo, entendendo a grandiosidade e complexidade de ambos, foi necessário dentro de um universo enorme selecionar uma parte e discutir sobre. Sem a pretensão de hierarquizar ou desqualificar qualquer um deles. Logo no título eu tento apresentar a grandeza de ambos os fenômenos, “Entre a arte do Esporte e o jogo da Capoeira” traduz que ao contrário do que eu pensava, o esporte é muito mais do que a busca por resultados, ele é encantador, pode ser sofrimento sim, mas também é alegria, é emoção, é visceral.

Tudo isso me pareceu muito óbvio, me fez refletir como não pensei ou não elaborei isso antes, já que sempre quando vejo reportagens sobre esporte, atletas, eu me emociono. Sempre que leio ou assisto sobre o fatídico dia 1º de maio de 1994, e

lembro do meu pai deitado no sofá da sala e chorando com o acidente que matou Ayrton Senna, eu me emociono. Ou ainda quando lembro dele entrando em casa gritando “é campeão” e chorando, desta vez de alegria com a conquista do tetracampeonato pela Seleção Brasileira na Copa de 1994. Reflita, a maioria das pessoas tem momentos marcantes de sua vida ligadas a lembranças esportivas, e somente por isso ele já é arte.

A capoeira por sua vez também é arte, ela encanta com sua plasticidade, sua música e ritmo, ela é mistura de tanta coisa e é isso que a torna efêmera. Ela é ardilosa, misteriosa, enigmática, e por isso encantadora. Ela fere e é ferida, na nossa sociedade ainda é incompreendida. Ao mesmo tempo em que é utilizada para mostrar nossa brasilidade, representar nossa história e povo, o que nos é peculiar, do outro lado ela é marginalizada, delinquente e desamparada.

São esses alguns dos motivos que me motivaram a desenvolver este trabalho, pesquisando uma parte desse universo. Com seriedade e dedicação que se fazem necessárias, tomando o cuidado para o passional não interferir nos dados da pesquisa, mas tendo em mente que é essa paixão que nos motiva a desenvolver trabalhos com ânimo e propósito.

## 1 INTRODUÇÃO

A produção do conhecimento na área do esporte atrai diversos pesquisadores nos mais variados contextos que essa temática envolve. É possível obter inúmeros desdobramentos a partir desse objeto, e podemos analisá-lo de diferentes perspectivas.

Mas, o que é esporte? Dentro da globalização que vivemos em que a informação está por toda parte, e da universalização das práticas corporais temos um entendimento maior do que é o futebol, por exemplo, quase o mundo todo sabe o que é graças a esse fenômeno sociocultural que o esporte se transformou. Porém ao mesmo tempo em que esse entendimento acontece, conforme ele vai sendo incorporado nas diferentes culturas, ele também vai sendo transformado pelas pessoas que as compõem, colocando suas intenções, interesses, capacidades e limitações. (MARQUES, 2015).

O esporte está imbricado com as condições de civilização na sociedade, as alterações que fazemos hoje no ambiente que vivemos serão refletidas nas diversas esferas da vida, e assim é com o esporte, as mudanças que ocorrem hoje podem passar despercebidas por nós, mas poderão determinar sua transformação daqui a cem ou duzentos anos, por isso podemos compreender o esporte como algo pluridimensional e em constante transformação. (PILATTI, 2009).

Roberto Rodrigo Paes em sua tese de doutorado de 1996 já abordava que para discutir esse fenômeno esporte era preciso levar em consideração suas diferentes possibilidades, buscando compreendê-lo melhor nas diferentes perspectivas que assume, enquanto profissão, mercadoria de consumo, opção de lazer e recreação, atividade de compensação, e, sobretudo como área do conhecimento. (PAES, 1996).

Uma das dificuldades em se discutir o conceito de esporte é que grande parte dos autores aborda o surgimento dele, como é o caso de Eric John Ernest Hobsbawn (1998), que afirma a origem do esporte acontecendo na Inglaterra, no final do século XIX, agregando dois fatores, educação e moradia, até então determinantes para a identificação de grupos sociais, e que teria surgido como um fator de distinção de classes sociais. (HOBSBAWN, 1998).

Pierre Félix Bourdieu (1983), também argumenta sobre seu surgimento, apontando que a passagem do jogo para o esporte teria acontecido nas grandes



escolas reservadas às "elites" da sociedade burguesa da Inglaterra, quando foram impostas mudanças de significado e função a alguns jogos populares pelos filhos das famílias que ocupavam essas escolas, as "*public schools*". (BOURDIEU, 1983).

Em geral, conceituar ou falar de conceitos exige cuidado, pois como explica Reinhart Koselleck, em seu livro "Futuro Passado" (2006, p. 108), "todo conceito se prende a uma palavra, mas nem toda palavra é um conceito social e político. Conceitos sociais e políticos contêm uma exigência concreta de generalização, ao mesmo tempo em que são sempre polissêmicos". Para ele, ao contrário da palavra que pode ser determinada pelo seu uso, um conceito para ser conceito deve-se manter polissêmico, mesmo ele estando associado a palavra. Quando a totalidade das circunstâncias sociais, políticas e empíricas nas quais e para as quais essa palavra é utilizada se agregassem a ela, aí sim essa palavra se tornaria conceito.

Para Koselleck (2006), um conceito mesmo sendo claro deve ser polissêmico porque reúne em si diferentes sentidos. Ele abre horizontes, porque não é somente um indicador dos conteúdos compreendidos por ele, é também seu fator. O autor utiliza uma frase de Nietzsche para exemplificar que conceito é algo complexo: "só é passível de definição aquilo que não tem história", ou seja, o conceito reúne em si a diversidade da experiência histórica. (KOSELLECK, 2006, p. 109).

Victor Andrade de Melo (2010), que através da história dos conceitos de Koselleck se questiona sobre uma história do conceito de esporte, apresenta que a palavra "*desporto*" (originária do italiano "*diporto*") já estava presente no considerado o mais antigo dicionário de português, o "Vocabulário portuguez e latino", escrito por Raphael Bluteau no século XVIII, com o significado de "divertimento", juntamente com a palavra "*athleta*" definida como o "praticante de atividades atléticas". E no Brasil, no "Grande dicionário da língua portuguesa" que foi lançado após a aprovação do acordo ortográfico luso-brasileiro de 1945, a palavra "*desporto*" também estava presente e tinha como significado a "prática sistemática de exercícios físicos", inclusive tinha como derivados as palavras "desportista" e "desportivo". E também já havia a palavra "*esporte*", com origem do inglês "*sport*", mas com o mesmo significado de "*desporto*".

Esse exemplo nos mostra de forma simples como o significado de uma mesma palavra varia com o tempo e como agrega significados, indo ao encontro com a polissemia dita por Koselleck (2006, p. 109), que complementa dizendo que "[...] os conceitos são, portanto, vocábulos nos quais se concentra uma multiplicidade de

significados”. E pensando nesses múltiplos significados que o conceito de esporte assume, pode assumir e/ou vem assumindo, podemos identificar algumas definições.

Definições que variam de acordo com cada autor, para Norbert Elias (1993) por exemplo, o esporte poderia ser interpretado como uma criação do homem para suprir a monotonia que a vida se tornou devido ao refrear de nossas emoções. Para Mauro Betti (1997) o esporte chamado de formal se transformou em uma diversidade de práticas depois que a televisão o espetacularizou, fazendo com que tudo fosse chamado de esporte. Para Eric Dunning (1999) o esporte é uma atividade única, que está em todas as classes sociais e que traz emoção as pessoas. Valter Bracht (2005), dentre as diversas explicações que dá para o esporte em seu livro “Sociologia crítica do esporte: uma introdução”, cita que o esporte não seria algo natural do ser humano, mas sim uma construção nossa; em outro momento diz que o esporte teria uma função biológica, satisfazendo uma necessidade natural de movimento do homem; e que na atualidade o esporte também pode ser entendido como uma atividade de consumo, já que as pessoas consomem seus produtos e subprodutos. Um fenômeno complexo e um espaço de formação humana é o que afirma Jorge Olímpio Bento (2004). Marco Paulo Stigger (2005) definiu o esporte moderno de ideologicamente reprodutor dos valores dominantes. Para Paulo Henrique Azevêdo (2009) o esporte se tornou um negócio que gera lucros e novas formas de consumo, que influencia o modo de ser, pensar e agir. Além de uma infinidade de discursos salvacionistas que buscam associar o esporte a valores essencialmente positivos.

Essas são algumas definições dentre as tantas existentes, em que muitas coincidem, outras mesmo sendo escritas a mais tempo parecem atuais. O esporte é um universo, com inúmeras formas de manifestação e muito amplo, por este modo não podemos reduzir seu entendimento a uma única forma de expressão, é preciso considerar seus diferentes contextos. (STIGGER, 2002). É um fenômeno social em processo de constituição, e a expansão de suas fronteiras caracterizadas pelas suas continuidades e rupturas o afirmam como objeto de estudo que pode ser interpretado a partir de diferentes teorias e propostas metodológicas. (MARCHI JÚNIOR, 2002). Desse modo, entendendo que o esporte é plural e não engessado em uma única e determinada definição vamos analisá-lo juntamente com outra manifestação que muitas vezes também sofre reducionismos: a capoeira.

A Capoeira atualmente é considerada um fenômeno plural e multifacetado sendo objeto de estudo de diversas áreas que buscam compreender os diferentes

processos que a constitui, sejam históricos, sociológicos, culturais, pedagógicos, entre outros. (BARBOSA, 2013).

Apesar da capoeira ser uma manifestação de dimensão múltipla, porque ao mesmo tempo pode ser tomada como dança, luta, performance, ritual, filosofia, jogo entre outras definições, ela é muitas vezes reduzida a um só significado ficando atrelada a conceitos limitados. Ainda que alguns praticantes priorizem ora sua face cultural, seus aspectos musicais e rituais, ora sua face esportiva, a luta e a ginástica corporal, a dimensão múltipla não é deixada de lado. Em todas as práticas atuais de capoeira, permanece coexistindo a orquestração musical, a dança, os golpes, o jogo, ainda que o enfoque dado se diferencie de acordo com a singularidade de cada mestre ou grupo. (BARBOSA, 2013).

O surgimento da capoeira ainda é cercado de mitos e controvérsias, alguns acreditam na origem africana, mas a grande maioria defende sua existência desde o século XVI, que teria sido criação de "escravos quilombolas" no Brasil, portanto de origem afro-brasileira, apesar de não ter nenhum documento histórico mencionando a capoeira anterior ao século XIX. (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 1998).

Foi por meio de uma pintura intitulada "Jogar Capoeira" ou "*Danse de la guerre*" feita pelo artista Rugendas que visitou o Brasil no período de 1821 a 1825 que tivemos umas das primeiras descrições da capoeira. Nessa primeira metade do século XIX a capoeira se desenvolveu no meio urbano e seus praticantes eram escravos e africanos, diferente da segunda metade do século, quando com a abolição da escravidão ex-escravos, libertos, brancos, militares e membros da elite social também passaram a praticar a capoeira. (LUSSAC; TUBINO, 2009).

Em menos de um ano após o início da República no Brasil, em outubro de 1890, a capoeira foi proibida por meio de um decreto e a prática entra assim num momento difícil, de decadência, e na busca por aceitação seus praticantes sobem aos ringues e desafiam lutadores das mais diversas lutas estrangeiras, ganhando assim apelo popular, pois o capoeirista era visto apenas como um brasileiro que lutava contra um adversário de outra nação. (CUNHA et al., 2014).

A arte ganhou lentamente conotação de esporte nacional, e nesse contexto entram em ação dois personagens dessa história, Manoel dos Reis Machado, o Mestre Bimba (1900-1974), que em sua luta pela valorização da capoeira criou em 1928 a "Luta Regional Baiana", que ele teria chamado assim como uma estratégia para melhor aceitação da sociedade na época, ainda coberta de preconceito contra a

atividade. (CUNHA et al., 2014). E o outro é Mestre Pastinha, Vicente Ferreira Pastinha (1889-1981), que divulgava a capoeira enquanto uma manifestação cultural buscando suas raízes no continente africano, ele é considerado o precursor da capoeira Angola. Fundou em 1941 o Centro Esportivo de Capoeira Angola. (CUNHA et al., 2014; VIEIRA; ASSUNÇÃO, 1998). Ambos queriam legitimar a prática e com o trabalho realizado foram galgando discípulos que tiveram papéis fundamentais neste processo. Durante a década de 1930 a capoeira começou a se alastrar em território nacional, os capoeiristas buscavam uma identidade própria, uniformes e espaço

A capoeira é um fenômeno cultural que se manifesta por quase todo o território nacional. Carrega consigo o paradoxo de ser uma arte marginalizada pelos diversos projetos nacionais e ao mesmo tempo um instrumento de divulgação da cultura e da história brasileira pelo mundo. (OLIVEIRA; LEAL, 2009). Segundo Vieira e Assunção (1998) a capoeira virou a modalidade de luta não oriental de maior projeção no ocidente depois do boxe. E o número de adeptos segue crescendo a cada dia. Mas, mesmo no seu país de origem as pessoas têm dificuldade em compreender essa prática.

Considerando o contexto apresentado e pensando na dificuldade em se compreender as singularidades e controvérsias de ambos os fenômenos (esporte e capoeira), queremos deixar claro que neste trabalho em nenhum momento nossa intenção é hierarquizar um ou outro, e tampouco fazer comparações. Entendemos que a capoeira assume aspectos de luta, jogo, dança, folclore, rítmico, arte, cultura, entre outros, e que o esporte também nos possibilita diferentes interpretações, que mesmo ambas as manifestações podendo ser polissêmicas muitas vezes não são tratadas como tal, portanto sabendo da complexidade em interpretar as particularidades desses objetos apresentamos o problema de pesquisa com a seguinte questão: quais as possibilidades de aproximação e distanciamento da Capoeira e do Esporte a partir de uma perspectiva polissêmica?

Mediante a problemática apresentada, o objetivo geral dessa pesquisa é descrever as possibilidades de aproximação e distanciamento da Capoeira e do Esporte a partir de uma perspectiva polissêmica.

Para auxiliar a responder o problema de pesquisa foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- Apresentar conceitos de esporte e os variados significados atribuídos a ele;



- Descrever o esporte a partir de um modelo de análise polissêmico;
- Identificar as principais características que torna a capoeira multidimensional;
- Relacionar a capoeira ao modelo polissêmico de interpretação do esporte contemporâneo;

Em relação à justificativa para desenvolver essa pesquisa, organizamos o texto a seguir a partir de dois níveis de envolvimento: acadêmico e social, já que a justificativa pessoal fora apresentada no prólogo deste trabalho.

Em relação ao tema, identificamos alguns trabalhos que abordam o esporte numa perspectiva pedagógica e educacional, como Paes (1996), Brotto (1999), Barroso e Darido (2006) e Tubino (2010), outros que dão um delineamento mais fechado ao conceito de esporte como Barbanti (2006), que tratam do tema através de uma Teoria Crítica do esporte como é o caso de Vaz (2005), e alguns que vão mais ao encontro com a perspectiva desse estudo, trazendo o esporte como um fenômeno sociocultural e com diversas possibilidades de entendimento, como é o caso de Marques (2007, 2015), Marques, Almeida e Gutierrez (2007) e Souza e Marchi Jr. (2010). No entanto, não foi encontrado na literatura estudos que se dedicassem a estudar manifestações ou práticas físicas marginalizadas cientificamente, como o caso da capoeira, suscitando a necessidade e interesse em desenvolver essa temática.

Tais contribuições referem-se à reflexão do esporte, seus processos e entendimentos de maneira isolada, cada um colocando sua perspectiva sobre o objeto. Socialmente entendemos que esse estudo pode estimular a reflexão sobre esse contexto de forma conjunta com a capoeira, enquanto áreas que se integram, que se relacionam mutuamente. Auxiliando num melhor entendimento sobre esse conceito de esporte polissêmico, que pode ajudar desde acadêmicos de educação física, capoeiristas, pesquisadores e profissionais envolvidos na área. Além também de auxiliar na melhoria da construção e aplicação do modelo de análise polissêmico.

Ao mesmo tempo promover a visibilidade da capoeira assim como a de seus praticantes, agregando valor e *status* acadêmico para área, já que trabalhos científicos sobre a capoeira existem, mas alguns muito tendenciosos, pois acabam reproduzindo pesquisas já realizadas em que nem sempre revisam o referencial teórico ou checam para verificar se o que está escrito é realmente verdadeiro, como acontece quando

citam que na Constituição Federal do Brasil a capoeira é proibida por lei, sendo que em nenhum momento a palavra capoeira aparece neste documento oficial. Ou ainda o mito de que um dos fatores que dificultou saber mais sobre a origem da capoeira foi o fato de Ruy Barbosa, quando era ministro da Fazenda ter mandado incinerar documentos referentes à escravidão porque defendia que tais documentos retratavam uma vergonha nacional. Porém, sabe-se que se tratavam apenas de documentos de uma repartição, sobretudo de matrículas de escravos criadas pela Lei do Ventre Livre<sup>1</sup>, e que a destruição destas iria dificultar a indenização por parte dos ex-proprietários aos escravos, que era justamente o que Ruy Barbosa queria fazer. Apesar da queima existem muitos documentos que se referem à escravidão e que estão espalhados por todos os estados brasileiros.

Em relação aos aspectos metodológicos trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo. Em linhas gerais, neste tipo de estudo o pesquisador conduz seu trabalho a partir de um plano estabelecido *a priori*, e em alguns casos podendo ter uma hipótese bem definida. Preza-se pela veracidade das informações, evitando distorções nas etapas de interpretação e análise dos dados, garantindo assim confiabilidade ao estudo. O pesquisador qualitativo não se preocupa apenas com o resultado, mas principalmente com o processo. (GODOY, 1995d).

Na pesquisa qualitativa a preocupação não é a representatividade numérica, mas sim, em aprofundar a compreensão de uma organização ou grupo social. Os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, seu funcionamento e/ou características, e o que poderia ser feito, sem necessariamente quantificar os valores, podendo utilizar para isso diferentes abordagens, tendo como objetivo descrever, compreender e explicar determinado fenômeno global ou local, respeitando a interação entre o posicionamento do pesquisador, as orientações teóricas dos referenciais e dados empíricos, na busca de resultados os mais fidedignos possíveis. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Deste modo, buscamos na literatura científica o conhecimento produzido na área do esporte para o desenvolvimento desta pesquisa, trazendo conceitos de diferentes perspectivas e linhas de pesquisa, como uma espécie de revisão

---

<sup>1</sup> A Lei do Ventre Livre foi assinada no dia 28 de setembro de 1871, considerada um marco no processo de abolição da escravidão no Brasil, está inserida no conjunto de medidas que buscavam atenuar a questão escravista no Império. Ela declarava livres os filhos de mulher escrava nascidos no Brasil a partir da data da aprovação da lei.

historiográfica dessas definições a partir de uma análise de artigos e livros. A busca foi feita em bases de dados como Scielo e Google acadêmico, utilizando alguns descritores como: “capoeira”, “capoeira-jogo”, “capoeira-luta”, “capoeira-cultura”, “esporte-definição”, “esporte-conceito”, “esporte-polissemia”, “esporte-emoção”, “esporte-ética”, “esporte-estética”, “esporte-educação”, “esporte-espetáculo”, entre os meses de fevereiro a julho de 2017. Foram utilizados também artigos, reportagens e informações contidas em sites e páginas da internet, assim como livros.

Posteriormente traremos para a temática do esporte o modelo de análise polissêmico proposto por Wanderley Marchi Júnior, que reúne um conceito do esporte amplo e baseado no que ele chama de "5 E's". A intenção aqui não é excluir muito menos desqualificar os demais pontos de vista apresentados anteriormente, mas agregar com esta escolha a possibilidade de ampliação do conceito, com uma gama maior de probabilidades do que poderíamos definir como sendo ou não esporte. Deixando claro também que será apresentado uma forma de interpretar toda a complexidade que envolve essa temática, e que não é nossa pretensão afirmar que seja a única.

Após a apresentação desses conceitos em que alguns podem ser distintos outros similares, traremos a capoeira para o cenário, apresentando um pouco de sua história, mas sem se deter nela especificamente, apresentando características que nos auxiliem a compreender o que torna essa manifestação múltipla e tão complexa. Em relação a essa primeira parte que está relacionada com os capítulos 2 e 3 dessa dissertação, podemos identificá-los como de caráter exploratório-descritivo, por ter como finalidade principal desenvolver e esclarecer conceitos e ideias, visando formular hipóteses e problemas.

Exploratório porque envolvem levantamento bibliográfico e documental, e tem como objetivo proporcionar uma visão mais geral de determinado fato, objeto. É realizado muitas vezes quando o tema escolhido é pouco explorado e/ou bastante genérico, fazendo-se necessário esclarecimentos e delimitações sobre o mesmo, exigindo revisão da literatura e esclarecimentos com demais pesquisadores, resultando num problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados. (GIL, 2008; GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Descritivo, como o próprio nome já sugere, porque é uma descrição, em que as características de determinado fenômeno, população, manifestação são descritas, e que tem por objetivo estudar os aspectos e particularidades de determinados

grupos, manifestações, fenômenos, podendo objetivar também a descoberta de associações, proximidades ou discrepâncias entre as variáveis e os objetos da pesquisa. É uma pesquisa habitualmente utilizada, juntamente com a exploratória, quando a preocupação do pesquisador se relaciona com a atuação prática. (GIL, 2008).

Referente ao capítulo 4 deste trabalho, iremos estudar os dados até então apresentados, os modelos já definidos de esporte com a história e características da capoeira, definindo a amplitude das categorias apresentadas no modelo polissêmico e tentando estabelecer a partir do que foi obtido aproximações ou não entre esses dois objetos. Por esse motivo caracterizamos como analítico.

Nossa intenção com essa escolha metodológica é compreender o objeto de estudo dentro de um contexto, com suas relações e singularidades. Deixando evidente o esforço para a descoberta de possíveis novas relações ou informações e para a ampliação do conhecimento existente. E as possibilidades de interpretação da capoeira enquanto esporte ou não, a partir de um novo olhar e de um conceito ampliado do mesmo.

Quanto à estrutura do trabalho, excluindo-se a “Introdução” e as “Considerações Finais”, o mesmo está organizado em três capítulos.

No capítulo **2 Esporte: “A arte da resiliência”**, iremos descrever alguns possíveis entendimentos do conceito/definição de esporte pelo olhar de diferentes autores que possam agregar a nossa pesquisa, sem delimitar sua linha de pesquisa ou área de atuação. Ele está dividido em um subcapítulo, **2.1 A polissemia do esporte**, que irá apresentar o modelo de análise polissêmico do esporte, proposto por Wanderley Marchi Júnior.

No capítulo **3 Capoeira: “O jogo que negaceia”**, iremos apresentar um histórico da capoeira e características que a torna complexa de definir e multifacetada.

No capítulo **4 Entre a ginga da capoeira e as dimensões do esporte: aproximações e distanciamentos a partir de um olhar polissêmico**, discutiremos como a capoeira se encaixa ou não, ou o que se aproxima e o que se distancia dentro do modelo de análise ora apresentado, e de que maneira poderíamos ampliar essas definições.

Após a apresentação dos capítulos teremos as considerações finais, onde o problema de pesquisa será retomado e suas principais respostas serão fornecidas.

## 2. ESPORTE: “A ARTE DA RESILIÊNCIA”

Wanderley Marchi Júnior (2006) destaca o esporte como sendo um dos fenômenos de maior impacto sociocultural do final do século XX e início do XXI. Sua evolução ao longo do tempo é marcante, e evidencia cada vez mais, a ampliação de suas possibilidades, ele se apresenta como um grande fenômeno social e cultural. (PAES, 1996). Por isso, constitui-se, num dos mais importantes objetos de análise, não somente das ciências do esporte, mas de outras áreas do conhecimento. (KUNZ, 2000).

Marco Paulo Stigger em 2005, no seu livro "Educação Física, esporte e diversidade" escreve que o esporte não é um fenômeno novo, mas o que se denomina sociologia do esporte sim, e que muitos autores vem se dedicando a essa temática tentando compreender o fenômeno esportivo a partir de um olhar sociocultural. (STIGGER, 2005).

Apesar desse entendimento de busca de um conceito de esporte mais abrangente, podemos observar na literatura que mesmo durante o transcorrer de um texto em que o autor descreve de uma forma ampliada, na hora de fazer um fechamento e colocar sua ideia, muitas vezes percebemos um discurso mais “engessado” e com menos possibilidades. Vamos ao longo desse capítulo trazer definições de diferentes autores do que seria esporte.

Norbert Elias, afirma que a missão do cientista é mostrar como as coisas realmente são concordando com elas ou não, e que enquanto sociólogo é preciso usar a história para compreender o contexto, que é sempre necessário retroceder, ir até a gênese para entender como se deram os processos. E é com Elias que vamos iniciar nossas definições de esporte. Em sua obra "O Processo Civilizador" vol. 1, o autor comenta que é através do esporte que a agressividade e o combate se tornam uma expressão socialmente permitida, desde que de maneira controlada. (ELIAS, 1990). Para entendermos melhor o que ele quis dizer vamos explorar mais suas ideias.

Elias (1993) em "O Processo Civilizador" vol. 2, comenta da pressão formativa sofrida pelos indivíduos, em que tudo que era imposto se incorporava de tal maneira parecendo natural, o que ele chamou de segunda natureza. Essa incorporação segundo o autor faz com que sejamos forçados a suprimir nossos impulsos, a manter nosso autocontrole, e quem o faz com maior precisão tem mais poder. É como se quem conseguisse controlar mais suas emoções tivesse um maior prestígio, pois

infringe menos o código de conduta. Consequentemente, com todo esse controle a vida se torna menos perigosa, em contrapartida, menos emocionante. (ELIAS, 1993). De maneira conceitual, não necessariamente que as palavras a seguir foram citadas por Elias, mas para suprir a monotonia que a vida se tornou devido a esse refrear das emoções são criados substitutos para trazer à tona esses sentimentos reprimidos como, por exemplo, os livros, a música, a pintura e o esporte.

Eric Dunning (1999) explica que o esporte é importante porque é uma atividade única, que está em todas as classes, e é capaz de atingir todas as pessoas trazendo emoção a elas. Seria como um teatro sem roteiro, imprevisível, por isso emocionante. Ele seria um regulador do tédio, que aumenta o prazer, traz identidade, sensação de pertencimento e proporciona aprendizado. (DUNNING, 1999).

Elias e Dunning (1985) comentam que a sociedade entende o trabalho regular como a única forma de ganhar a vida, vida essa que é monótona, sem emoções, por isso buscamos atividades que minimamente nos proporcionem essa libertação das tensões e do tédio, em que possamos extravasar esses sentimentos, e o esporte da conta disso. Porque não precisamos necessariamente praticá-lo, ou seja, consumindo esporte já podemos obter essa sensação, e não efetivamente realizando uma atividade esportiva, mesmo sabendo que o controle nesse ambiente ainda existe, mas o descontrole é muito maior quando comparado ao da nossa vida rotineira. (ELIAS; DUNNING, 1985).

Sobre ser um espectador esportivo, Luiz Alberto Pilatti afirma que o esporte é "o único espetáculo que coloca mais de 2 bilhões de pessoas na plateia". (PILATTI, 1995, p.21). E também que o esporte se tornou um negócio do Estado, já que se inseriu em contextos como a saúde, o social e a educação. (PILATTI, 1995).

E o que antes parecia ser uma adesão de praticantes e torcedores de algumas modalidades, principalmente o futebol, foi crescendo e tornou-se uma potência econômica na atualidade. Na sociedade atual o esporte é abordado como negócio, e que de esporte de competição, que foi sendo profissionalizado ao longo do século passado, agora gera lucro e novas formas de consumo enquanto esporte para a saúde, esporte de lazer e esporte escolar, isso para citar alguns exemplos, além é claro do esporte de alto nível. Porque graças ao bom desempenho dos atletas e a atuação dos agentes de marketing, a prática esportiva foi estimulada, mas não necessariamente pela prática, e sim pelo consumo, onde os produtos esportivos que antes eram direcionados apenas aos atletas agora estão à disposição para os não

profissionais. Pessoas que passaram a praticar atividades físicas influenciadas pelos seus ídolos ou pela ideia de estética e saúde que é gerada pela mídia ou pela imagem do atleta profissional. E além de roupas, calçados, acessórios que vinculem o sujeito ao mundo esportivo, podemos citar também os serviços indiretos como alimentação, transporte, serviços médicos, hospedagem que também lucram com o esporte. Então, esporte também pode ser definido como negócio. (AZEVEDO, 2009).

Mauro Betti em 1997 trouxe uma referência que para a época foi um marco, e mesmo sabendo que hoje já existem novas tecnologias, fatos que esse texto não vai tratar, resgatamos o que ele argumentava. Para o autor a televisão na ânsia de espetacularizar e vender seus produtos chamou tudo de "esporte", e assim, fez com que todos quisessem praticá-lo, e essa fama transformou o esporte formal, institucionalizado, em uma diversidade de práticas, que vai desde andar de moto por uma trilha na mata a descer uma caverna pendurado numa corda. O mesmo ocorreu com a adjetivação "esportista", que ele comenta que o esportista passou a ser também o telespectador. Para uma atividade ser nomeada esporte não seria mais necessário a comparação de desempenhos, a competição, a busca pela vitória, pelos records, subvertendo assim os critérios clássicos da sociologia que definem o que é esporte. Portanto, o esporte, nesse caso tratado por Betti como televisivo e o esporte espetáculo passaram a exigir uma ampliação dos seus limites conceituais, e para isso ele destaca a polissemia, que amplia o significado da expressão "esporte". (BETTI, 1997).

Elenor Kunz (2000) explica que o conceito de esporte é complexo, e que sendo um fenômeno sociocultural ele pode ser analisado em três níveis conforme as estruturas representativas de seu desenvolvimento:

1. Representação Prática, ou seja, sua efetiva realização em diferentes contextos, formas e participantes;
2. Representação da Imagem Midiática, ou seja, da formação de significados e parâmetros de agir no e pelo esporte a partir da imagem dada pela mídia;
3. Representação Simbólica, ou seja, a construção de uma simbologia da realidade esportiva a partir de conceitos teóricos especialmente desenvolvidos pelas ciências do esporte. (KUNZ, 2000).

Não podemos atribuir exclusivamente uma função social para cada modalidade esportiva, mas Marcelo Weishaupt Proni (1998) economista e com doutorado em educação física, diz que "sem dúvida, uma mesma modalidade pode ser desfrutada como prática recreativa, ser ensinada como atividade pedagógica, ou ser comercializada como espetáculo de massa". (PRONI, 1998, p.75). É claro que um mesmo sentido pode ser adotado para diferentes modalidades, e a prática esportiva é caracterizada pelo sentido dado a ela (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007), como por exemplo, é possível jogar o futebol sob as regras do profissional, ou com meus amigos na rua da minha casa. Porém, para compreender uma forma de manifestação é preciso reconhecer a posição que ela ocupa no espaço esportivo, e ao analisar o significado de uma prática esportiva é preciso estar atento as suas especificidades quanto à modalidade e seu sentido. (BOURDIEU, 1990).

Para Jorge Olímpio Bento (2004) o esporte seria um fenômeno sócio-cultural, sem esporte o envolvimento cultural dos homens empobrece, já que incluem diversas práticas, ele é um espaço de formação humana. Essas práticas sempre irão expressar o desejo de realização do ser humano, a necessidade que temos de superação, de comunicação, de emoção, ele é considerado de alta relevância, e vai para além do econômico, do pedagógico, sendo um fenômeno complexo. (BENTO, 2004).

Stigger (2005), baseado na ideia de autores como Guttmann, Bouet, Brohm e Cuay, que em suma, ao articularem suas opiniões eram unânimes ao criticar o esporte que chamavam de moderno, por considerá-lo excessivamente competitivo. Stigger diz que o esporte é fruto de um processo de racionalização da vida moderna, que transformou os passatempos e jogos em práticas vinculadas a ideia de competitividade e até de afrontamento. Que o espírito esportivo agora são regras e normas universalizadas, e que há uma busca incessante por resultados, a produtividade e a performance são expressas no recorde e a figura máxima é representada pelo campeão. (STIGGER, 2005). É possível perceber que quando Stigger define o esporte moderno de ideologicamente reprodutor dos valores dominantes desconsidera todos os demais aspectos que acabamos de citar no parágrafo acima, porém, não podemos deixar de levar em consideração tudo que foi apresentado até o momento.

Pierre Bourdieu em seu texto "Programa para uma sociologia do esporte" (2004) nos diz que parte dos obstáculos para uma sociologia científica do esporte deve-se ao fato de que os sociólogos do esporte são de algum modo duplamente



dominados, tanto no universo do esporte quanto no universo dos sociólogos, ou seja, de um lado existem pessoas que na prática conhecem muito bem o esporte, mas não sabem falar dele, e do outro, pessoas que não são conhecedoras do esporte na prática, mas que poderiam falar dele, porém não o fazem ou quando fazem é sem pensar, de forma indiscriminada. Na tentativa de não cometer esses erros Bourdieu diz que para constituir uma sociologia do esporte é preciso em primeiro lugar entender que não podemos analisar um esporte, qualquer que seja ele sem antes reconhecer a posição que ele ocupa no espaço dos esportes. Devemos estabelecer as características socialmente pertinentes que fazem com que um esporte tenha afinidades com as preferências e interesses de uma determinada categoria social, mas tendo o cuidado para não estabelecer necessariamente uma relação direta entre um esporte e uma posição social. Tendo em vista que a prioridade é conhecer a estrutura da prática esportiva e como se deu sua construção, e depois o espaço em que está inserido, por quais outros é influenciado e quais influencia.

Uma prática esportiva tem sua definição técnica, e de acordo com essas propriedades intrínsecas são dados os limites dos usos sociais que podem ser feitos deles, mesmo esses usos apresentando grande elasticidade, porém seu sentido pode mudar de acordo com a vontade dos seus usuários dominantes, socialmente ou numericamente falando, ou através de sua própria polissemia, recebendo assim sentidos muito diferentes, ou mais de uma definição. (BOURDIEU, 2004).

E mesmo que a partir dessa constituição desse campo relativamente autônomo exista continuamente a ruptura entre amadores e profissionais, que insiste em separar o esporte em espetáculo e esporte comum o esporte adquiriu uma lógica própria, uma cronologia e uma autonomia relativa enquanto campo esportivo. Saiu do pensamento reducionista que limitava o esporte a uma única possibilidade, ou seja, a prática esportiva, e passou a pensar num esporte com múltiplas possibilidades e com maior amplitude. (BOURDIEU, 1983; 2004).

Justamente por haver discrepâncias entre um mesmo tema dentro da mesma esfera e com pessoas que *a priori* estudam o mesmo objeto, que Bourdieu (1990b) nos diz que um pesquisador não conseguindo estudar o espaço das práticas esportivas como um todo, deveria selecionar um pequeno espaço dentro desse grande espaço, o que ele define como um subcampo dentro desse campo maior, a fim de desenvolver melhor sua análise. (BOURDIEU, 1990b). E é justamente isso que

faremos abordando a compreensão de esporte que selecionamos trabalhar nesse estudo no próximo capítulo.

## 2.1 A POLISSEMIA DO ESPORTE

No capítulo anterior o intuito foi trazer alguns conceitos fazendo um panorama do que pesquisadores de diferentes áreas definem como esporte. Com isso, percebemos que as ideias não são excludentes e em sua maioria elas se complementam, não havendo necessidade de eleger uma ou outra como correta. Na busca de tentar trazer algo que exemplificasse esse conjunto de significados e a ânsia de trabalhar essa ideia mais ampla de esporte apresentaremos nesse subcapítulo o modelo de análise polissêmico proposto por Wanderley Marchi Junior, dos 5 E's.

Marchi Jr. em seu artigo publicado em 2015, intitulado “O Esporte ‘em cena’: perspectivas históricas e interpretações conceituais para a construção de um modelo analítico”, que resultou da conferência realizada no IV Congresso da ALESDE (Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte), no dia 23 de outubro de 2014 na cidade de Bogotá, na Colômbia, teve por objetivo o repensar das construções e definições conceituais acerca do esporte.

O que chamava atenção do autor era a dificuldade ou limitação em se definir ou entender o que vem a ser o esporte na contemporaneidade. Percebeu que existe um despreparo por parte dos profissionais de Educação Física em diferenciar atividade física de um jogo ou passatempo que se esportivizou, ou de uma atividade que é institucionalizada, competitiva, que segue regras que são sistematizadas de forma universal que regulam e legitimam uma disputa, ou ainda de uma prática que fora inventada e tornou-se tradição. E a pretensão de contribuir para uma discussão mais ampla que vise uma melhor compreensão do esporte é porque acredita que esse problema acontece não por uma questão interpretativa da área, mais sim por um determinismo acadêmico.

Após fazer uma reflexão e análise conversando com alguns autores sobre definições de esporte, Marchi Jr. chega num ponto em que chama de “Para um Modelo Analítico do Esporte”, e inicia dizendo que uma referência importante para evidenciar minimamente sua proposta é a compreensão da categoria sociológica do mimetismo

social, porque a partir dela podemos entender as relações de interdependência que se estabelecem entre os agentes e as estruturas sociais, estruturas que podem ser macro ou micro, e assim conseguimos visualizar a relação que se estabelece entre esporte e sociedade.

Comenta que há uma presença marcante das características comportamentais e valorativas da sociedade contemporânea nas diversas esferas do esporte, como por exemplo, o quanto alunos do ensino regular, frequentadores de clubes socioesportivos, e até mesmo atletas são respectivamente influenciados por seus ídolos, se organizam em campeonatos com regulamentos, normas, e proferem discursos enaltecendo seu esforço, o trabalho duro e a superação. Com isso conseguimos perceber que por trás desses comportamentos, desses discursos que parecem ser despretensiosos, há na verdade um conjunto de valores que determina seu comportamento, seu modo de pensar e agir.

Essa relação mimética estabelecida entre sociedade e esporte, e que não só pode, mas acontece de maneira dual, ou seja, não é apenas o macro que influencia o micro, mas o contrário é verdadeiro, reforça o argumento de que múltiplos sentidos e dimensões podem ser atribuídos ao esporte na contemporaneidade. E antes de apresentar o que seria sua proposta de modelo de análise, o autor nos mostra o que essas reflexões o fizeram compreender do que seria o esporte:

“um fenômeno processual físico, social, econômico e cultural, construído dinâmica e historicamente, presente na maioria dos povos e culturas intercontinentais, independentemente da nacionalidade, língua, cor, credo, posição social, gênero ou idade, e que na contemporaneidade tem se popularizado globalmente e redimensionado seu sentido pelas lógicas contextuais dos processos de mercantilização, profissionalização e espetacularização.” (MARCHI JÚNIOR, 2015, p.59).

Assim, segue apresentando o modelo, o qual o chama de “Modelo Analítico dos 5 E’s” e que busca construir uma referência de análise do esporte a partir de cinco dimensões localizadas no contexto macrossocial as quais permitem melhor situar, compreender e discutir o fenômeno esportivo em sua complexidade de relações.

FIGURA 1 - MODELO DE ANÁLISE DO ESPORTE: 5E's



Fonte: MARCHI JÚNIOR (2015).

A primeira dimensão de que vamos falar ou podemos chamar de “primeiro E” diz respeito à **Emoção**. Está associada as possibilidades que o esporte detém de fazer com que seus praticantes vivenciem situações desafiadoras, e tanto faz se esses desafios ou riscos controlados forem apresentados de forma primária na natureza ou se foram construídos tecnologicamente.

O fato é que quanto maior a dificuldade ou os riscos apresentados, maior será a satisfação de quem pratica. Quanto maior os riscos e desafios, maior a sensação de perda de controle, esse preparo para essa excitação proporciona um descontrole controlado das emoções, afinal, a perda total de controle não ocorre, porque a exposição ao risco sempre está sendo monitorada por quem controla as emoções ou até mesmo por recursos tecnológicos.

O segundo “E” é o da **Estética**. O discurso que impera aqui é o qual devemos estar cientes que é equivocado, principalmente compreendendo o esporte de maneira polissêmica, é a associação de que toda forma, manifestação ou exposição do esporte está relacionada a saúde, a um desenvolvimento bio e fisiológico desejável ou a um estado de bem-estar. Podemos comprovar o erro desse discurso pensando se na perspectiva profissional, o esporte praticado se enquadra dentro de aspectos saudáveis para a pessoa que pratica.

Nessa dimensão também podemos agregar a presença dos estereótipos, dos padrões de beleza que são impostos pela sociedade e que em grande parte são perseguidos e que gera uma obsessão pelo corpo perfeito. Fato que profissionais e academias personalizadas se dedicam cada dia mais para atender e satisfazer essa demanda social pela busca do que seria ideal. Aqui podemos notar que existe um aspecto formador de um estilo de vida.

A terceira dimensão refere-se à **Ética**. Buscando por definições podemos ter valores, princípios, critérios, e para esse modelo podemos discutir esse “E” a partir de um conjunto de regras, valores e condutas. Mas é claro, que se pensarmos o esporte do ponto de vista ético dentro da sociedade contemporânea parece hipocrisia falar de respeito as regras sociais quando as mesmas não são construídas, aceitas e nem praticadas por boa parte da sociedade.

Mas muito se fala no *fair play*<sup>2</sup> dentro do esporte, mas pode-se notar que essa ideia do “jogar limpo” não está limitada apenas na esfera profissional, mas também entre os participantes dos mais diferentes níveis. Contudo, é lamentável pensar que todos os comportamentos que remetem a ética esportiva, como cordialidade entre os participantes, saudações patrióticas e o próprio respeito as regras deixe de existir quando surge a possibilidade do resultado e da performance não sair como o esperado, então altera-se o comportamento e toda a ética que até então havia é colocada à prova quando se está no limite.

O quarto “E” a ser destacado é o **Espetáculo**. Nessa perspectiva o primeiro cuidado a ser tomado é das equivocadas interpretações feitas quando se diz que esporte-espetáculo é sinônimo de esporte-rendimento. Vale lembrar que quando falamos em rendimento podemos estar nos referindo a qualquer atividade em que há exigência de superação de um estágio inicial a outro acima. E não necessariamente isso assuma uma perspectiva de espetáculo.

Quando falamos de espetáculo, algumas variáveis são determinantes como, por exemplo, a capacidade de movimentar o contexto econômico e mercadológico, ou seu apelo motivacional e emocional, a geração e constituição de ofertas e demandas, a viabilidade midiática, a capacidade de interferência global e de comunicação, ou ainda a mobilização populacional.

---

<sup>2</sup> *Fair play* é uma expressão do inglês que significa modo leal de agir. Está vinculado à ética no meio esportivo, em que os praticantes devem jogar de maneira que não prejudiquem o adversário de forma proposital. Significa jogar limpo, ter espírito esportivo.

Na contemporaneidade o esporte tem assumido o papel da constituição de um produto globalizado quase que de maneira irreversível. Marchi Junior defende o que seria uma “tese de estágios” no processo de espetacularização dos esportes, deixando claro que não necessariamente eles acontecem de maneira sequencial, o que não significa que todos eles não ocorram. As etapas seriam: amadorismo, institucionalização, profissionalização e mercantilização.

Por fim, o quinto e último “E”, o **Educacional**. Aqui o autor deixa claro para os leitores mais críticos que o ponto de análise a ser discutido é no princípio formativo e não no rigor da prescrição legislativa que já fora garantida pela Constituição de 1988.

Essa dimensão seria a responsável por interconectar todos os demais “E’s”, ou seja, conversa com a Emoção, com a Estética, com a Ética e com o Espetáculo, sempre com intencionalidade formativa. Entende-se, portanto que seja informal ou institucional, esse processo dá subsídios para a tão desejada e defendida formação crítica e reflexiva do ser humano na sociedade contemporânea.

Contudo, o autor alerta que é necessário ter rigor e densidade para que o processo seja eficiente, e que é necessário conhecer as dimensões apresentadas em sua essência, para que possamos trabalhar os aspectos educacionais de maneira correlacional, e associar as dimensões sociais do esporte numa perspectiva formativa, porque se os aspectos da educação forem pensados de forma isolada nos levaria a uma leitura unidimensional da realidade.

O texto é finalizado deixando claro que em hipótese alguma se pretende esgotar a discussão acerca da temática, e sim fomentar e qualificar o debate que de forma recorrente tem se mostrado “tendencioso, pífio e insipiente”. (MARCHI JÚNIOR, 2015, p. 65). Com a perspectiva da formação de pessoas capazes de minimamente, entender o que somos, o que fazemos e para onde vamos com esse cenário que é traçado a nossa frente.

Compreendendo agora o que seria nosso modelo polissêmico do esporte, passaremos para nosso objeto de estudo, a capoeira. Fazendo uma revisão historiográfica e trazendo características dessa manifestação para ao final analisá-la a partir do modelo que acabamos de descrever.

### 3 CAPOEIRA: “O JOGO QUE NEGACEIA<sup>3</sup>”

Hoje, existe muito material produzido a respeito da capoeira, informações e afirmações a respeito dessa prática, mas nem sempre o cenário da capoeira foi assim. Acerca de sua origem, por exemplo, ainda há especulações, são questões de difícil explicação e existem basicamente três mitos fundadores: de que ela teria surgido na África e veio com os africanos escravizados para o Brasil assim como nós a conhecemos, ou que lá ela existia como forma de uma dança ritualística e mais tarde aqui no Brasil ela aparece como forma de defesa pessoal dos escravos contra seus opressores; ou que teria sido uma “criação dos índios”, em função da origem do vocábulo que nomeia o jogo. (BARBOSA, 2013; SANTOS, 1990).

Muitos fatos que ocorreram ao longo da história caíram no esquecimento e outros foram distorcidos, afinal grande parte do que se sabe hoje sobre a capoeira praticada pelos escravos foi transmitida de forma verbal por meio das gerações e que ainda se fazem presentes na atualidade, como é o caso dos elementos de comunicação como o canto e a música, ou de expressão corporal como os floreios<sup>4</sup> e a ginga, que foi o que permitiu que a capoeira permanecesse viva na nossa cultura. (FONTOURA; GUIMARÃES, 2008).

Um exemplo dessas informações que são transmitidas e nesse caso que pouco se duvida é que surgida a capoeira, os negros a praticavam tanto nos terreiros quanto nas fazendas, no entanto, a prática era clandestina, pois uma vez que ela passou a ser utilizada como arma de luta os senhores de engenho proibiram sua prática veementemente, e para assegurar a sobrevivência da capoeira naquela época, os capoeiristas quando os feitores estavam presentes praticavam-na em forma de brincadeira, quando na verdade estavam treinando, o berimbau servia para dar ritmo mas, também para anunciar a chegada do feitor, ou seja, para transformar a luta em dança, ou sofreriam torturas. (MELLO, 1996; SANTOS, 1990).

Porém, de acordo com o Inventário organizado pelo IPHAN para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil (2007) o mais antigo registro referente à capoeira, ao contrário do que contam muitos livros e artigos não é

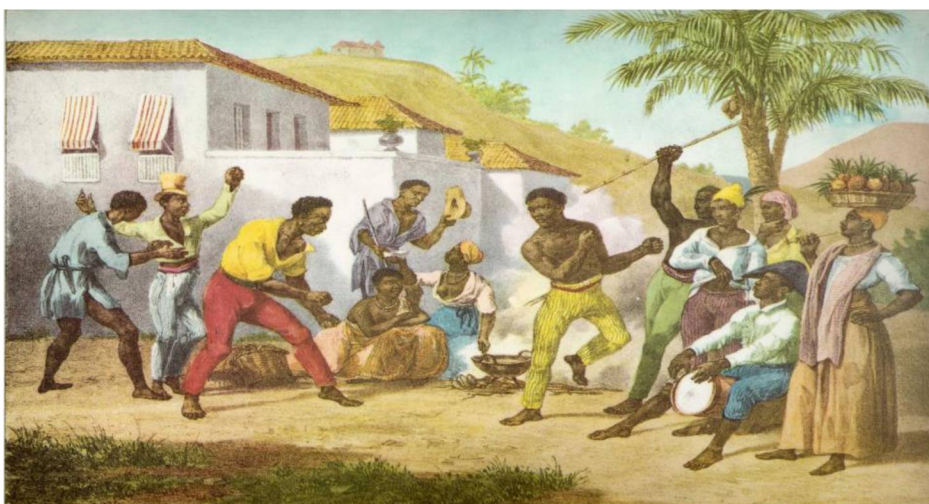
---

<sup>3</sup> Negaceia vem do verbo negacear, e significa seduzir, atrair, iludir, enganar, provocar, mover-se com habilidade, confundir.

<sup>4</sup> Movimentos elegantes, executados com destreza, podendo ser rápidos ou não, e que garantem graciosidade ao jogo da capoeira.

a pintura "*Danse de la guerre*" (Figura 2) feita pelo artista Rugendas que visitou o Brasil no período de 1821 a 1825, mas sim um documento que data de 1789 encontrado pelo jornalista Nireu Cavalcanti e que se refere à libertação de um escravo chamado Adão que teria sido preso nas ruas do Rio de Janeiro devido à prática da capoeiragem. (BRASIL, 2007).

FIGURA 2 - "JOGAR CAPOERA" ou "DANSE DE LA GUERRE" DE JOHANN MORITZ RUGENDAS



FONTE: RUGENDAS (2018).

A capoeira é uma manifestação cultural que se caracteriza pela sua multidimensionalidade, ela é luta, jogo, dança. Talvez esteja aí a dificuldade em estabelecer as suas origens, tanto nos aspectos culturais quanto geográficos, devido a sua diversidade. Suas manifestações estão intimamente ligadas às culturas locais, com contornos específicos de acordo com o contexto em que se desenvolveu, por isso a capoeira é tida como fenômeno cultural urbano, onde sua história permeia o passado e o presente. (BRASIL, 2007).

A discussão acerca da origem da capoeira é algo bastante complexo e que dificilmente se chegará a um acordo, e que provavelmente ainda será muito debatida, como disse Josivaldo Pires de Oliveira e Luiz Augusto Pinheiro Leal (2009) isso se dá principalmente porque a capoeira é uma prática que está em constante reinvenção, ou seja, que em cada momento da história ela tem características e significados próprios. Inclusive ao longo da história ela teve vários significados atribuídos a ela, durante a maior parte do século XIX até as três primeiras décadas do século XX a capoeira foi marginalizada.



Após a abolição da escravidão, muitos escravos foram largados nas ruas, sem emprego e sem moradia, a “mão de obra” negra que agora era livre encontrou sérios obstáculos para se sustentar. Devido aos séculos de tradição escravocrata, os negros passaram a viver à margem da sociedade e os que eram capoeiristas continuaram a sofrer perseguições da polícia e eram mal vistos pela sociedade e ilustravam as páginas policiais.

Um ano e meio após a abolição, em novembro de 1889 aconteceu a Proclamação da República, e em 1890 foi criado um Código Penal que previa punições para o praticante de capoeira, a prática recebeu por meio do decreto nº 487 de outubro de 1890 status diferenciado no capítulo XIII do Código denominado: “dos vadios e capoeiras”. O documento não apresentava uma definição muito precisa em relação ao que seria considerado capoeiragem, talvez assim como acontece nos dias de hoje pela dificuldade em se definir a prática. De qualquer maneira, segundo o Código Penal, a capoeiragem seria “exercícios de agilidade e destreza corporal” feito em ruas e praças públicas e de modo mais específico consistiria em andar em correrias, com instrumentos ou armas capazes de produzir lesão corporal, provocando desordens ou tumulto, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor ou algum mal, e trazia a penalidade de dois a seis meses de prisão. (OLIVEIRA; LEAL, 2009; REGO, 1968).

Mas a capoeira e os capoeiristas conseguiram atravessar esse período, alguns encontraram sobrevivência na malandragem boêmia, no samba e no carnaval. Em Pernambuco no mesmo período a capoeira entra em decadência e encontra salvaguarda moldando os passos vigorosos do frevo, manifestação cultural tipicamente pernambucana (Figura 3).

FIGURA 3 - FREVO EM RECIFE/PE NA DÉCADA DE 1950 E NA ATUALIDADE

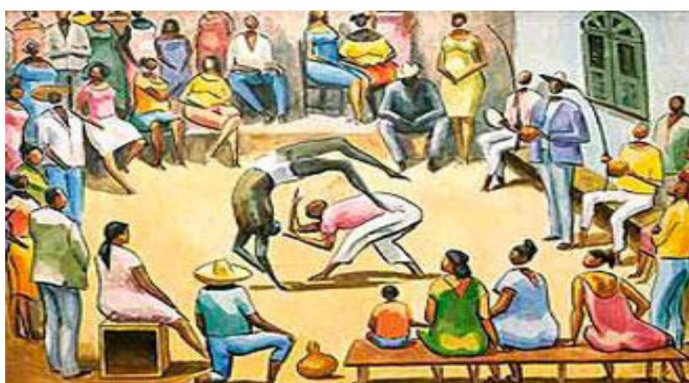


FONTE: IPHAN (2018a, 2018b).

O processo de ascensão da capoeira começou lentamente na década de 1930 quando Getúlio Vargas assume o poder, derrubando o presidente Washington Luis. Ele permite a prática vigiada da capoeira e não sendo mais perseguidos, os capoeiristas foram para as ruas e praças das cidades com as suas rodas de capoeira e passaram a fazer parte das festas populares. (ABREU, 2008; AREIAS, 1983).

É a partir daí que ela começa a experimentar um outro significado. Até os anos de 1930 a capoeira foi poucas vezes compreendida com uma prática cultural pertinente a sociedade brasileira, e agora ela passaria de crime previsto pelo Código Penal a uma luta genuinamente brasileira. Por trás desta conquista estavam alguns cientistas sociais que inovaram no estudo sobre o negro como Arthur Ramos, Edson Carneiro e Gilberto Freyre. Posteriormente, vêm às obras de pintura de Carybé (Figura 4), as fotografias de Pierre Verger (Figura 5) e a literatura de Jorge Amado, que resgatam a capoeira como cultura nacional e são fortes instrumentos de divulgação das características positivas da luta. (OLIVEIRA; LEAL, 2009).

FIGURA 4 - PINTURA DE CARYBE RETRATANDO A CAPOEIRA



FONTE: Fundação Cultural Palmares (2018).

FIGURA 5 - RODA DE CAPOEIRA POR PIERRE VERGER



FONTE: IPHAN (2018c).



Também devemos citar que a Bahia no século XX foi um celeiro de praticantes e que apresentou a capoeira para o Brasil e para o mundo por meio da determinação de dois homens: Manoel dos Reis Machado (1900-1974), Mestre Bimba, e Vicente Ferreira Pastinha (1889-1981), Mestre Pastinha. Bimba, com 18 anos começou a ensinar capoeira, nessa época ainda não havia distinção entre capoeira angola<sup>5</sup> e regional<sup>6</sup>, até porque Mestre Bimba foi quem desenvolveu esta última, isso em 1928, e chamou a modalidade de “Luta Regional Baiana” em substituição ao termo capoeira. Era uma estratégia para melhor aceitação da sociedade que ainda detinha muitos preconceitos contra a atividade ainda marginalizada. (ANJOS, 2008; VIEIRA, 1995, 1996).

FIGURA 6 - MESTRE BIMBA



FONTE: Cais da Bahia (2018).

FIGURA 7 - MESTRE PASTINHA



FONTE: C.E.C.A (2018).

<sup>5</sup> A Capoeira Angola é um estilo de capoeira mais próximo de como os escravos lutavam a capoeira, ela não possui muitas inovações em seus movimentos, mantém-se mais presa as raízes. O toque do berimbau é cadenciado, mais lento, mas nem por isso seu jogo deixa de ter movimentos rápidos e furtivos, em sua maioria executados próximo do chão, existem movimentos que são executados para testar o parceiro com quem está jogando, as “chamadas” como costumam chamar esses movimentos são como armadilhas que visam surpreender a pessoa com quem está jogando. O traje na capoeira angola pode variar de acordo com cada grupo/associação, mas costuma ser uma camisa/camiseta branca por dentro da calça que está presa por um cinto, alguns homens usam boina ou chapéu.

<sup>6</sup> A Capoeira Regional é um estilo caracterizado por golpes e movimentos ágeis e complexos, com acrobacias em solo ou aéreas. Está em constante inovação com a criação de novos movimentos. O toque do berimbau pode ir do rápido ao lento, para acalmar os ânimos, e o capoeirista tem de saber ouvir para seguir o ritmo do jogo. É um jogo que se joga mais ereto comparado ao jogo de angola. O traje no estilo regional também pode variar, mas é de costume usar o abadá, que é uma calça feita de helanca na cor branca e segurada pela corda que varia de cor e que representa a graduação do capoeirista, a camiseta costuma ser branca com o logotipo do grupo/associação de capoeira ao qual faz parte.

Em 1937 Mestre Bimba recebeu autorização para manter seu Centro de Cultura Física e Capoeira Regional, dando assim início ao processo de descriminalização da capoeira. (BRASIL, 2007). Assim como Bimba, Pastinha inaugurou em 1941 o CECA, Centro Esportivo de Capoeira Angola, a terminologia de centro esportivo também foi para dar credibilidade a sua prática, onde reunia desde antigos mestres até novos discípulos. Ele prezava pela prática do jogo enquanto expressão artística, buscando fora os aspectos da luta, também os aspectos culturais, sua escola divulgava a capoeira enquanto uma manifestação africana, já que acreditava que a capoeira veio deste continente. Apesar da separação de estilos ambos buscavam socializar a capoeira e instituíram treinos e rodas nas suas academias. Mestre Bimba queria dar a capoeira o posto de esporte brasileiro e Mestre Pastinha criou uniformes para seus integrantes. (BARBOSA, 2013; CUNHA et al, 2014).

Mais tarde, em 1953, Bimba adentrou os salões do governo e se apresentou ao então presidente Getúlio Vargas, em Salvador, e para o governador do estado, Juracy Magalhães. Na ocasião, o presidente teria se referido à capoeira como o único esporte genuinamente brasileiro. (GUIZARDI, 2011; VIEIRA; ASSUNÇÃO, 1998). A capoeira prosseguiu fazendo-se viva nas grandes comemorações, nas festas e em datas importantes, nunca deixando de apresentar, falando de Mestre Bimba, o samba de roda e outros aspectos folclóricos relacionados à capoeira, tornando assim mais forte o sentimento de identidade cultural. (CUNHA et al., 2014).

FIGURA 8 - MESTRE BIMBA CUMPRIMENTA O PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS APÓS APRESENTAÇÃO EM SALVADOR - 1953



FONTE: Memorial da Democracia (2018).

Mestre Bimba estudou a capoeira, ele estruturou a luta em hierarquias claras: mestres, formados, calouros. Também a organizou em etapas, como o batizado que consistia em colocar um apelido nos calouros para que eles fossem reconhecidos dentro da academia e nos meios capoeirísticos e o exame de formatura onde o aluno após cursar no mínimo seis meses de capoeira passava por algumas etapas para serem considerados aptos ou não a começar a aprender verdadeiramente a capoeira. Também criou um método de ensino, a sequência de Mestre Bimba, que foi a primeira metodologia de ensino para a capoeira, era destinada aos alunos iniciantes, método que resiste até hoje, mesmo com a constante ressignificação que ocorre. Bimba virou referência por sua capacidade de organizar e sistematizar. (ALMEIDA, 1994; VIEIRA; ASSUNÇÃO, 2008).

Tanto Bimba quanto Pastinha foram os principais responsáveis pela expansão inicial da capoeira da Bahia para outros estados do Brasil, eles conquistaram o respeito da sociedade e passaram a se relacionar com artistas, intelectuais e políticos da época que os legitimaram não apenas como mestres de capoeira, mas também como porta vozes da cultura popular. A capoeira passa assim a ser conhecida nacionalmente e como resultado ocorrem às primeiras viagens pelo território brasileiro de grupos de capoeira, e a partir da década de 1950 começaram a ser produzidas inúmeras notícias de jornais baseadas nesta manifestação. Mais tarde em 1972 a capoeira foi submetida às regras do pugilismo pelo Conselho Nacional de Desportos e como consequência sofreu um processo de esportivização com realização de campeonatos nacionais, preparação atlética dos capoeiristas, exclusão dos ritos da capoeira, entre outros. Nesse mesmo ano a Confederação Brasileira de Boxe determinou o uso do sistema de cordas, assim como acontecia com as artes marciais orientais, e que esse deveria ser o sistema de graduação dos seus alunos, utilizando as cores da bandeira brasileira: branco, verde, amarelo e azul. (BRASIL, 2007).

Apesar de ainda existir alguns movimentos nesse sentido, como por exemplo, a inserção da Capoeira nos Jogos Olímpicos, atualmente há um entendimento predominante entre os praticantes pela manutenção de suas tradições e um dos motivos é a constante reflexão que acontece na atualidade. Desde os anos 1980 a capoeira tornou-se campo de pesquisas acadêmicas, de mestrado e doutorado, realizadas tanto aqui no Brasil como no exterior, e em diversas áreas. Os próprios grupos de capoeira discutem sobre a manifestação seja nos círculos de debate ou nos eventos que realizam, e além do universo acadêmico, à capoeira se faz presente em

muitas outras esferas sociais, como é o caso do cinema, da televisão, dos anúncios de publicidade e dos palcos. Um outro local em que a capoeira se disseminou foi nas academias, que ajudou a romper com a associação de marginalidade da prática, por outro lado houve uma proliferação desenfreada de “mestres” que consequentemente tornou a vulgarizar e/ou deturpar o sentido original desta categoria, o que prejudica ainda mais a situação destes sujeitos, visto que os mestres de capoeira embora sejam respeitados pelas comunidades como portadores desta secular manifestação até hoje não tem reconhecida sua profissão. Mas o fato é que a capoeira é hoje um meio de vida para muitos. (AMARAL; SANTOS, 2015; CONDURU; 2008; VIEIRA; ASSUNÇÃO, 2008).

FIGURA 9 - CARTAZ DO FILME "BESOURO: DA CAPOEIRA, NASCE UM HERÓI" – 2009



FONTE: Adoro Cinema (2018).



FIGURA 10 - PERSONAGEM ZÉ MARIA DA NOVELA "LADO A LADO" DA REDE GLOBO ENSINA CAPOEIRA A CRIANÇAS - 2012/2013



FONTE: Globo (2018).

FIGURA 11 - CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO PROJETO "ESPORTE EM AÇÃO" NO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DOS PINHAIS/PR - 2013

**Esporte em Ação**  
NÚCLEO COLÔNIA RIO GRANDE  
S. J. DOS PINHAIS/PR

**CHAME SEUS AMIGOS E INSCREVAM-SE NAS AULAS DE VÔLEI E CAPOEIRA DO NÚCLEO COLÔNIA RIO GRANDE!**  
AS AULAS SÃO GRATUITAS, VOCÊ VAI CUSTAR!

**LOCAL:**  
CENTRO DE ESPORTE E LAZER  
COLÔNIA RIO GRANDE  
Avenida Rui Barbosa, 11.901.

**INFORMAÇÕES:**  
Procure o professor do projeto Esporte em Ação nos dias e horários de aula, no próprio ginásio.

**INFORMAÇÕES PELO FONE:**  
(41) 3283-6590

Inscrição no projeto **ESPORTE EM AÇÃO**, as vagas são limitadas.

	IDADE (nascidos em)	DIAS DA SEMANA	HORÁRIO	CATEGORIA
VÔLEI	9 e 10 anos (2003 e 2004)	3ª e 5ª feiras	9h30 às 10h30	Mini 2x2
	11 e 12 anos (2001 e 2002)	3ª e 5ª feiras	10h30h às 11h30	Mini 3x3
CAPOEIRA	até 11 anos (a partir de 2002)	4ª e 6ª feiras	19h às 20h	Iniciante
	12 a 16 anos (1997 a 2001)	3ª e 5ª feiras	19h às 20h30	Avançado

**ATENÇÃO!** UM RESPONSÁVEL DEVE COMPARECER COM O ALUNO, LEVANDO IDENTIDADE E CPF, ALÉM DA CÓPIA DE CERTIDÃO DE NASCIMENTO DO ALUNO.

**Instituto Compartilhar**  
Baurerwald

FONTE: Prefeitura de São José dos Pinhais (2018).

FIGURA 12 - OS BRASILEIROS MESTRE FALCÃO E MESTRE LUIZ RENATO JOGANDO  
CAPOEIRA EM PARIS - 1995



FONTE: FALCÃO (2008).

A capoeira já trilhou diversos caminhos e hoje é preciso reconhecer que ela é aceita como um fenômeno internacional e que ações governamentais estão acontecendo em reconhecimento e respeito ao saber popular, inclusive aos mestres como falamos a pouco, reconhecendo sua rica memória histórica. (VIEIRA, 2012). Em 2004, por exemplo, o mundo olhou para a capoeira com mais profundidade, quando o então Ministro da Cultura Gilberto Gil discursou em Genebra em uma convenção das Nações Unidas citando a capoeira como um exemplo brasileiro de aceitação e tolerância. O discurso era para homenagear Sérgio Vieira de Mello, embaixador da ONU e brasileiro, quando estava em missão de paz com mais 22 pessoas e foi morto em um atentado em Bagdá em 2003. Entre os anos de 2003 a 2011, na gestão do Ministro Gil e de seu sucessor Juca Ferreira, a cultura popular, em destaque a capoeira, recebeu maior atenção. A partir de 2004 criou-se um plano de ação, incentivo e preservação da arte brasileira, e em 2008 a capoeira recebeu o registro de Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, concedido pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (BRASIL, 2007; CUNHA et al, 2014; IPHAN, 2008). E



mais tarde em novembro de 2014 a Roda de Capoeira tornou-se Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade (IPHAN, 2016), conquistas importantes para a cultura brasileira e que expressam a história de resistência negra no Brasil.

FIGURA 13 - RODA DE CAPOEIRA QUE ACONTECEU EM GENEVRA, NA SUIÇA DURANTE O DISCURSO DE GILBERTO GIL NA CONVENÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS EM 2004



FONTE: Instituto Antônio Carlos Jobim (2017).

A capoeira é praticada em todos os continentes e cada vez mais torna-se uma importante prática cultural e símbolo de nossa nacionalidade. Hoje, o Brasil apresenta ao mundo a capoeira como um de seus "tesouros mais raros" (PIRES, 2008), ela já foi reconhecida por ministros e adidos como a verdadeira embaixadora de nosso país no exterior, seja pelo número de praticantes espalhados em todo o mundo, seja por ser um meio de potencial expansão dos hábitos, da língua, do folclore e da cultura do Brasil. E apesar de ser uma arte-luta pouco compreendida pela sociedade brasileira ela é apresentada como sendo nossa peculiaridade. (LUSSAC; TUBINO, 2009; PIRES, 2008).

Apesar da constante reafirmação de que ela é "coisa nossa", à medida que a capoeira é ensinada, praticada, transmitida e compartilhada ela passa a ser de todo mundo. Fica evidente a sua dinamicidade e complexidade na intensificação do processo de internacionalização. A capoeira está em permanente construção seja no social ou enquanto manifestação cultural. Ela é influenciada pelo tempo histórico em

que se situa, mas também é moldada pelos sujeitos, e pelo interesse desses sujeitos, que atuam e disputam poder na sociedade por meio dela. (FALCÃO, 2008).

Historicamente a capoeira construiu um cenário de resistência e beleza. No início seus movimentos eram treinados com o intuito de combate e acabavam chamando a atenção pela mobilidade e beleza dos movimentos. Hoje, o capoeira treina entre outras coisas para “fazer bonito” mas o combate está lá, implícito, como diz a música:

“É defesa ataque  
é ginga de corpo  
é malandragem  
Capoeira!”  
(letra: Mestre Matias)

Para entender melhor como funciona esse universo vamos explicar sobre os elementos que compõe a capoeira, como a música, os golpes, o treino, os grupos e/ou associações. Vale ressaltar que o que iremos expor sobre a dinâmica, os rituais, os instrumentos, se fazem de forma geral, não sendo uma regra, cabendo a cada grupo ter sua própria filosofia, costumes e hábitos específicos. E em sua maioria os exemplos que daremos se encaixa para a modalidade capoeira regional.

Normalmente a pessoa inicia na capoeira ou porque viu uma roda, gostou e quer saber mais, ou porque ela tem vontade de fazer uma luta, ou algo diferente do que normalmente se vê nas academias e tendo a capoeira atrelada a ela não só a luta, mas a musicalidade e uma dinâmica diferente de ser, ela quer experimentar. Entrar para a capoeira é fácil, desistir dela também. Assim como qualquer outra prática física, para se manter em atividade é preciso disposição. Ter disponibilidade, interesse e curiosidade são essenciais. Alongamento, flexibilidade, coordenação, ritmo, musicalidade, coragem, audácia, serão exigidos para executar os movimentos, para tocar os instrumentos, para cantar ou para ensinar.

A capoeira da atualidade apesar de ser mais arrojada, ainda preserva muitas características que vem desde seu surgimento, uma delas é a questão da hierarquia. A nomenclatura e cor das cordas varia de grupo para grupo, mas em geral as graduações são, da menor para a maior:

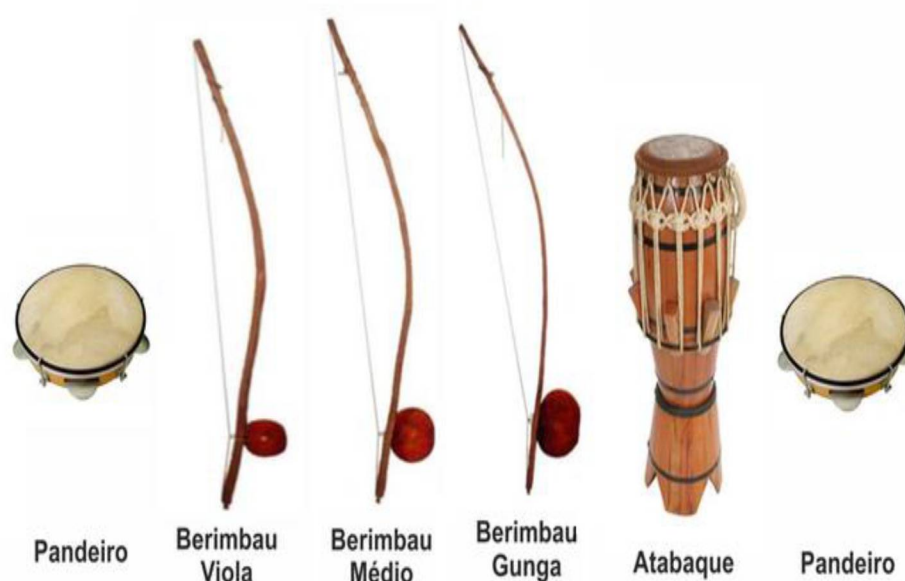
Iniciante;

Aluno;  
Graduado;  
Instrutor;  
Professor;  
Contra-mestre;  
Mestre.

As graduações além de significarem o tempo que o capoeirista tem de prática; consequentemente o tanto que é esperado e exigido dele, a carga de responsabilidade e comprometimento; também simboliza que ele tem preferência e maior visibilidade que os de graduações abaixo. Numa roda por exemplo, que é quando os integrantes formam um círculo que tem como destaque os instrumentos, e que dentro desse círculo dois capoeiristas por vez irão jogar mostrando suas habilidades, normalmente quem inicia jogando são os mais graduados presentes, quando eles cansam ou querem simplesmente encerrar o jogo eles saem da roda e dão a vez para mais dois jogarem, e assim consecutivamente. Os jogos podem começar e terminar com os mesmos jogadores, ou pode acontecer de um jogador de fora entrar e tirar um dos dois que estava jogando do centro da roda, é o que chamamos de “compra”. E quando a “compra” é permitida, ou seja, quando um jogador que está fora da roda tira um dos dois capoeiristas que estão jogando e entra na roda para jogar, isso normalmente se faz se um dos capoeiristas que está jogando tem graduação menor que a do capoeirista que quer entrar.

Na bateria, que é como são chamados os instrumentos costuma funcionar da mesma maneira, o capoeirista mais graduado normalmente assume o berimbau responsável pelo canto, e os demais respeitando a graduação assumem os demais instrumentos, que mesmo não tendo uma distinção clara, também regem sob uma hierarquia. Pode variar de grupo para grupo tanto a quantidade de instrumentos como a inclusão de outros, mas normalmente temos a bateria composta por: três berimbaus, o gunga (que é o berimbau com a maior cabaça e de som grave, e quem o toca tem a responsabilidade de cantar), o médio (que é o berimbau com uma cabaça de tamanho médio) e o viola (que é o berimbau de cabaça pequena de som agudo). Também temos um atabaque e dois pandeiros.

FIGURA 14 - BATERIA COMUMENTE UTILIZADA NA RODA DE CAPOEIRA



FONTE: A Autora (2017).

Ao som da bateria que rege o ritmo da roda os capoeiristas executam uma infinidade de movimentos, e quanto maior a dificuldade e habilidade do jogador ao realizá-los, maior o frenesi provocado entre os demais participantes que devem estar na roda batendo palma e respondendo o coro das músicas entoadas. Lembrando que as rodas de capoeira acontecem nos mais variados espaços, desde dentro das próprias academias, associações, como em apresentações variadas e na rua. Portanto, seus espectadores variam bastante. Assim como vimos anteriormente, Mestre Bimba e Pastinha foram os que iniciaram a formatação da capoeira como nós conhecemos hoje, sendo praticada nas academias e agremiações, ou seja, em espaços fechados e não raros próprios. Hoje é incontável os locais que disponibilizam a prática da capoeira, seja no Brasil ou no mundo.

De acordo com o site do Ministério das Relações Exteriores, acessado em fevereiro de 2018, muitos países possuem locais que ofertam a prática da capoeira. Abaixo um quadro que mostra alguns países e a quantidade de espaços em que se pratica a capoeira (quadro completo está nos anexos). Relacionamos os com maior número de espaços e alguns que talvez as pessoas não imaginem que possuam capoeira.

QUADRO 1 - ALGUNS PAÍSES EM QUE A CAPOEIRA É PRATICADA E O NÚMERO DE LOCAIS EM QUE EXISTE A PRÁTICA DA CAPOEIRA EM CADA UM DELES DE ACORDO COM O SITE DO MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES EM FEVEREIRO DE 2018.

PAÍS	QUANTIDADE DE LOCAIS EM QUE A CAPOEIRA É OFERTADA
Alemanha	25
Argentina	17
Bósnia Herzegovina	1
China	11
Espanha	46
Estados Unidos	132
Finlândia	12
Itália	1
Japão	96
Kuwait	1
Liechtenstein	1
República Tcheca	17
Suíça	17
Tailândia	1
Tanzânia	2
Ucrânia	12

FONTE: A autora baseada em MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES (2018).

De acordo com o site que não mostra sua última atualização são 70 países e 544 locais de prática espalhado por eles, mas é possível saber que o número é maior entrando no site de algumas confederações como por exemplo a italiana (F.I.CAP, 2018), que mostra que em seu território existem 7 grupos de capoeira espalhados por 7 cidades do país, em que a capoeira é ofertada. Em todo caso essa informação mesmo que desatualizada nos ajuda a ter a dimensão que a capoeira tomou.

Outro dado que nos permite comprovar essa internacionalização da capoeira são os inúmeros eventos que ocorrem pelo mundo, e com eles os batizados, que é o momento em que o iniciante joga, normalmente, com um mestre e recebe a sua primeira corda na capoeira, mostrando assim que o número de adeptos também

aumenta ao redor do mundo, assim como os que iniciaram permanecem com a troca de cordas, que é considerada da segunda corda em diante, seja da graduação infantil ou adulta.

FIGURA 15 - CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO ENCONTRO INTERNACIONAL DE CAPOEIRA ANGOLA DO GRUPO MATUMBÊ CAPOEIRA - ITALIA 2018



FONTE: Matumbê Capoeira (2018).

FIGURA 16 - CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO XV ENCONTRO INTERNACIONAL DE CAPOEIRA FILHOS DE ANGOLA - BERLIN 2016



FONTE: Filhos de Angola (2018).



FIGURA 17 - CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO XVII CAMPEONATO EUROPEU ABADA DE CAPOEIRA - FRANÇA 2015



FONTE: ABADÁ Capoeira (2018).

Claro que toda essa expansão é importante para a capoeira, mas não podemos deixar de lado as conquistas e espaços alcançados dentro do nosso próprio país. Em março de 2008, a Lei n°. 11.645 altera e modifica respectivamente as leis n°. 9.394 de 20 de dezembro de 1996 e a lei n°. 10.639 de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” passando a vigorar com a seguinte redação:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história

da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. (BRASÍLIA, 2008).

Mesmo que possamos interpretar a lei dizendo que a partir dessa premissa o ensino da capoeira é permitido nas escolas, já que seria um conteúdo referente à história e cultura afro-brasileira, o mesmo não acontece amplamente. De forma mais direcionada, em maio de 2015, a Comissão de Educação, Cultura e Esporte do Senado Federal reconheceu o caráter educacional e formativo da capoeira e aprovou um projeto que permite o ensino da capoeira nas escolas autorizando parcerias com entidades que reúnam mestres e profissionais de capoeira para ensinar em escolas públicas e particulares a prática da capoeira a seus alunos, não só no ensino fundamental e médio como também na educação básica e podendo ser enquadrada como luta, dança ou mesmo esporte, o que possibilita sua inserção em diferentes disciplinas, não apenas na educação física. (SENADO FEDERAL, 2018).

Para Bonfim (2010) a capoeira não fica restrita a mais uma prática física dentro da escola, ela fomenta um debate político, socializador e racial, e promove a integração dos sujeitos de forma harmoniosa e homogênea, além de configurar um rico processo pedagógico, sendo símbolo de resistência contra os vários tipos de dominação e um espaço para a construção de um aprendizado cultural pautado em uma educação libertadora. E enquanto atividade física desenvolve a lateralidade, a percepção, o equilíbrio, a agilidade, a flexibilidade, a resistência, e sua aplicabilidade na escola é fácil, pois não exige grande espaço e não demanda muito material. (CAMPOS, 2001).

Sendo promotora da inclusão e da transmissão de valores, quando sua metodologia é bem desenvolvida e aplicada, a capoeira pode ser utilizada por exemplo com portadores de necessidades especiais, seja com os próprios movimentos, tocando ou cantando. (BONFIM, 2010). A capoeira possibilita uma sensibilidade, a roda devendo ser um local democrático, destacam-se os jogadores, o público, o cantor, e você não necessariamente precisa ser bom para participar, não se discrimina



classe social, religião, gênero, raça, afirmando ser um espaço de igualdade entre as pessoas. (CARNEIRO, 1991).

O que não significa que não tenha regras, muito pelo contrário, assim como na maioria das lutas, existe uma hierarquização que é seguida à risca, se preza pela transmissão de valores, saberes, comportamentos, exige-se disciplina e respeito. Apesar da capoeira ao longo dos anos ter passado por diversos processos, inclusive momentos em que se valorizavam somente a eficiência dos golpes e defesas, deixando de lado outros elementos que dão pluralidade a capoeira, ela tem hoje aspectos como a criatividade, o conhecimento histórico, a musicalidade, a organização, a oralidade e a pesquisa como aspectos que a enaltecem. (ALVES; MONTAGNER, 2008).

Assim como na educação a capoeira também está inserida na política, seja através de representantes ou de medidas que a envolvam. Pensando em representantes políticos, a cidade de Curitiba/PR, com quase 1.900.000 habitantes de acordo com o censo do IBGE de 2017, possui 38 parlamentares na Câmara Municipal, sendo que um deles é mestre de capoeira, e respectivamente o único vereador negro da cidade. (CMC, 2018). Mestre Pop como é chamado, Adilson Alves Leandro exerce seu segundo mandato e tem um projeto social cujo objetivo é oferecer aulas gratuitas de capoeira para crianças de 5 a 13 anos. (MESTRE POP, 2018).

Quando o assunto são medidas e ações, citamos o mês de fevereiro de 2016 quando o Ministério do Esporte (2016) reconheceu a capoeira como esporte, o que gerou polêmica e diferentes opiniões entre os capoeiristas, sabendo que há aqueles mais tradicionais que defendem a capoeira enquanto tradição e cultura, e outros que apoiam a decisão. Independente disso, a medida tomada permite que o capoeirista possa pleitear a participação no programa Bolsa Atleta, que garante incentivo a atletas mediante algumas regras e condições impostas. Porém, através de um mapeamento da distribuição de bolsas deste programa para a modalidade capoeira entre os anos de 2005 e 2015, não foram encontrados registros de bolsas destinadas à capoeiristas neste período. Não se pretende discutir os possíveis motivos desta situação, mas talvez os diferentes entendimentos que governo e praticantes têm sobre a capoeira, dada sua dimensão polissêmica, implique em uma possível compreensão de que tal financiamento não se destina aos capoeiristas.

Em 2008, Alves e Montagner já comentavam sobre uma necessidade de regulamentação da capoeira, na sua transformação em esporte, e que isso seria fruto

da hegemonia que o esporte moderno passou a exercer sobre os demais elementos da “cultura do movimento”, e que ao ser esportivizada a capoeira passaria a ser tratada de forma unidimensional mas também de forma fragmentada, afinal aspectos essenciais seriam deixados de lado como a subjetividade, a historicidade e a ludicidade frente a outros como o condicionamento físico e o tecnicismo. (ALVES; MONTAGNER, 2008, p. 511).

Como apresentado no capítulo anterior, sabemos que existem novas definições para o esporte, muito mais abrangente e que possibilita um entendimento e um olhar mais ampliado do conceito. Definições que nos permitem inserir modalidades e/ou práticas físicas que antes jamais poderiam ser discutidas como esporte. E é justamente o que faremos no próximo capítulo, não necessariamente afirmando ou negando que capoeira seja esporte, mas diante de tudo que foi trazido até o momento, e de todas as características e particularidades apresentadas sobre a capoeira, iremos analisar em quais aspectos ela se aproxima ou se distancia do modelo de análise que elegemos para esta pesquisa, o polissêmico 5 E’s.

#### **4 ENTRE A GINGA DA CAPOEIRA E AS DIMENSÕES DO ESPORTE: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS A PARTIR DE UM OLHAR POLISSÊMICO**

Esse capítulo visa discutir e confrontar as informações até então apresentadas no intuito de responder nossa pergunta problema que é quais as possibilidades de aproximação e distanciamento da Capoeira e do Esporte. Para iniciar nossa análise vamos lembrar quais são os 5 E's apresentados no modelo de análise polissêmico proposto por Wanderley Marchi Júnior (2015):

1. Emoção
2. Estética
3. Ética
4. Espetáculo
5. Educacional

A partir desses princípios e de todo o contexto apresentado sobre a capoeira, neste capítulo teremos o intuito de identificar aproximações e distanciamentos entre eles. Não necessariamente seguiremos a ordem acima, tendo em vista que uma ou mais características da capoeira podem se aproximar ou distanciar de diferentes "E's", o que também pode fazer com eles apareçam mais de uma vez na sequência desta análise.

É importante esclarecer que muitos dos dados que serão apresentados a seguir são empíricos, visto que pouco ou nada se tem desenvolvido ou sistematizado das informações que trataremos ao longo desse capítulo. Por esse motivo, gostaríamos de reforçar que nada se inventou, mas que tudo fora extraído dos poucos dados cientificamente existentes e das vivências e relatos que aconteceram e que circundam o meio capoeirístico.

Como explicamos no capítulo anterior, uma das principais características da capoeira, e o que a diferencia de demais práticas físicas e lutas em geral, é que ela é acompanhada de música, uma música ao vivo e não eletrônica, e como escrito em uma reportagem da BBC a música ajuda a criar uma conexão emocional, porque mexe com nosso coração, e toma um lugar importante em nossas relações, tendo como poder a união. (ROBSON, 2018).

A música e o canto sendo peças fundamentais da capoeira faz com que todos os participantes sintam um misto de emoções quando tocam ou escutam o berimbau

e os demais instrumentos soando, sendo um dos principais fatores que motivam as pessoas a iniciarem e a permanecerem praticando a capoeira. (SCHWENCK; REIS; RABELO, 2011).

A capoeira propõe a todo momento situações desafiadoras a seus praticantes, seja nos treinos quando é necessário realizar novos movimentos, ou combinações até então nunca experimentadas, seja na roda quando é preciso encarar os demais participantes e entrar para jogar, superando os medos, de não conseguir lembrar tudo que aprendeu ou de levar uma rasteira, a vergonha de se expor e expor seu corpo ao julgamento dos demais, assim como de tomar a iniciativa e chamar um companheiro para jogar, as vezes um desconhecido, e não saber o que esperar. O desafio que para muitos é uma superação, de pegar o berimbau e tocar, seja no treino na academia, ou na roda de rua, e tocando criar a coragem de cantar, que mesmo para aqueles com mais tempo de prática pode ser um eterno trabalho de superar seus medos e as críticas.

Assim como apresentado no “E” da emoção a capoeira então proporciona desafios, além da sensação de perda de controle, afinal quando entra na roda com o outro você está partindo para o inesperado, para o risco, porque não sabe o que outro irá fazer, é um jogo de perguntas e respostas que não tem ensaio, é como uma prova para qual você estuda sabendo o conteúdo, mas nunca irá saber quais as questões que estará nela, você tem que estar preparado, e muitas vezes a sensação é de que você não está. Essa excitação te leva ao descontrole controlado das emoções que é citado no modelo de análise.

A capoeira é permeada de sensações que na maior parte do tempo se mescla. O capoeirista treina, e quando desenvolve tudo que é pedido ele se sente forte, preparado para o jogo. Quando chega a hora da luta, de entrar na roda ele fica ansioso, na expectativa, tem aquele que tem medo, a mão sua, o coração bate mais forte, talvez porque seja jovem, porque não tem muita experiência, ou porque é uma roda composta por pessoas que nunca viu, o que torna o jogo mais inesperado. Então ele entra na roda e o medo pode permanecer ou não, ele pode conseguir executar tudo que desejava ou pode ser derrubado, e quando termina seu jogo ele pode estar satisfeito ou pode estar frustrado, sua conquista pode ter sido conseguir entrar na roda, independente se jogou bem na avaliação dos demais, ou pode estar orgulhoso de ter feito aquele movimento que tanto treinou, ou ainda de ter conseguido fazer aquele golpe que derrubou o adversário.

De repente ele pode estar na bateria, segurando o berimbau e é desafiado à cantar a próxima canção, sua garganta pode ficar seca e sua memória pode lhe trair, assim como pode abrir a boca e cantar aquela música que vai “levantar o astral” da roda, proporcionando a todos que estão presentes um estado de euforia e fazendo com que a energia daquele momento proporcione uma sensação de bem estar e motive a todos os presentes a bater palma, responder o coro<sup>7</sup> e sentir vontade de entrar na roda para jogar.

A emoção se faz presente a todo momento, inclusive naquele em que o capoeirista cai ou é derrubado, esquece a letra da música, leva uma bronca porque fez algo errado, escuta o grito do mestre ou professor porque tem que levantar mais a perna ao realizar o movimento. Você fica com raiva, decepcionado, triste, furioso, e assim como as boas emoções tem que conseguir trabalhar com elas e canalizar para que nada saia do controle, e se sair que não provoque danos, e se o dano for inevitável que saiba reverter ou amenizar a situação.

Nem sempre uma roda de capoeira vai ser permeada apenas por bons exemplos, assim como várias esferas da vida temos pessoas que não respeitam as regras, que não conseguem assumir a postura exigida para estar naquele ambiente, naquela determinada situação, e rompem com a ordem estabelecida. Podemos utilizar esses momentos para nos referir ao “E” da ética. A capoeira a exemplo das demais lutas, e não excluindo outras práticas físicas ou esportes, é muito focada na disciplina, no respeito, na lealdade, em bons valores já que muito do que se ensina é transferido de modo hierárquico, pela oralidade e pautado na construção dos bons costumes.

Mas à exemplo do que acontece na sociedade, e é pertinente à toda e qualquer esfera da vida, existem aqueles que fogem das regras e desafiam as normas. Na capoeira não seria diferente, há exemplos de mau comportamento e de muito desrespeito às regras e ao conjunto de princípios que é defendido. Capoeiristas maldosos, que querem ganhar a qualquer custo e não medem esforços para atingir seus objetivos, que se utilizam da força para conquistar o que desejam e não respeitam a hierarquia.

Porém, pode-se afirmar que na capoeira existe um conjunto de regras, valores e condutas, que apesar de raramente ser firmada em documento é transferida e de comum acordo entre os praticantes e grupos e/ou associações de capoeira. O *fair play*

---

<sup>7</sup> Coro é o mesmo que refrão, e durante toda a música que está sendo cantada as pessoas que formam a roda batem palma e respondem esse refrão juntas.

em seu entendimento de jogar limpo, ter espírito esportivo, lealdade e respeito faz parte das boas maneiras de um capoeirista, se estendendo à toda e qualquer categoria, posição ou função ocupada por ele.

O jogar limpo da capoeira tem muito a ver com o “jogar bonito”, se pensarmos esse jogar bonito, já que depende do juízo de valor, não apenas nos movimentos perfeitos e executados de forma correta, mas o jogar sem intenção de machucar o outro, um jogar em que ambos os capoeiristas saibam conversar, que seja um diálogo de perguntas e respostas fazendo analogia a uma conversa formal, porém, onde as palavras sejam os movimentos, e não existe conversa quando apenas um fala, isso seria um monólogo, é preciso perguntar, mas é preciso responder, e o mais importante, é preciso deixar o outro falar, assim toda boa conversa flui, e no jogo é essencial que isso aconteça, porque os movimentos serão fluidos, e ao mesmo tempo que são livres o espaço do outro é respeitado, e mesmo que não concorde com que o outro diga é preciso deixá-lo dizer, mas em resposta eu apresento que não gostei, mostro minha opinião, e sem precisar desrespeitá-lo eu tento convencê-lo e mostrando toda a minha habilidade me imponho, e mostro-me audacioso, mas sem perder a compostura. Esse “diálogo” que se faz essencial na capoeira, é o que a torna interessante aos olhos, e desse modo podemos entrar na dimensão da estética, outro “E” apresentado no modelo polissêmico.

Marchi Júnior (2015) relaciona a estética com a saúde, de que toda manifestação do esporte estaria relacionada ao bem-estar do sujeito, e consequentemente a busca e obsessão de um corpo perfeito que não existe. Na capoeira também é possível fazer essa relação, afinal é uma prática física que demanda vigor, resistência, força e habilidades específicas, o que podemos justificar a procura nas academias e associações pela mesma, e que assim como outras atividades auxilia na manutenção do peso, no desenvolvimento e aperfeiçoamento motor e também na socialização, seja de crianças (OLIVEIRA; SILVA FILHO; ELICKER, 2014), adultos (BALBINOTTI; CAPOZZOLI, 2008) ou idosos (SOUZA; VENDRUSCULO, 2010, OLIVEIRA; SILVA; OLIVEIRA, 2015), outro motivo pelo qual algumas pessoas buscam a prática de atividades físicas. E também podemos comentar sobre os estereótipos que o modelo cita, pois assim como em outras práticas na capoeira também existe uma forma e cor de corpo que se costuma desenhar no imaginário de quem pensa em um capoeirista.

Porém, vamos um pouco além nesse aspecto, e ampliar essa definição de estética abrangendo a plasticidade encontrada na capoeira. Como citado acima, o “jogo bonito” não necessariamente precisa ser formado por movimentos de difícil execução, mas o fato de o jogo da capoeira ser composto por inúmeros movimentos e floreios e uma infinidade de combinações entre eles faz com que chame atenção de quem observa, sendo agradável aos olhos, trazendo emoção e graciosidade à roda de capoeira.

Aquele movimento que parece exigir muita habilidade para executar; e na maioria das vezes exige; aquele salto que parece impossível de realizar, aquele toque de berimbau, atabaque ou pandeiro que você não consegue acompanhar, são alguns exemplos que torna a capoeira esteticamente bela. Essa capacidade do corpo de assumir diferentes formas e a habilidade que é possível desenvolver para os diferentes papéis que podemos assumir dentro de uma roda de capoeira, faz com que a torne esteticamente distinta.

A malandragem, podendo na capoeira ser definida como a audácia, a ousadia e porque não a sutileza em jogar, transforma o que poderia ser a execução de vários movimentos combinados em uma cena que atrai distintos olhares. Não à toa inúmeros grupos de capoeira já fizeram e são convidados a fazer apresentações em eventos, praças, shows, entre outros. Claro que o grupo pode ensaiar uma apresentação diferente, uma dança, uma fala, mas normalmente a roda acontece ao seu natural. Não se ensaia roda de capoeira, o que podem fazer os capoeiristas mais habilidosos é executar um número maior de acrobacias e movimentos que irá chamar mais atenção do público. E não apenas nos estados brasileiros, mas em diferentes países do globo a capoeira tem esse destaque.

Apresentação, show, público, assim como no teatro seja ele num grande palco ou na rua, custando o ingresso caro ou de graça, recebendo críticas positivas ou negativas, a grande maioria das pessoas tendo acesso ou não, ele é arte, e seu “show” é sempre um espetáculo. Nesse contexto entramos no quarto dos cinco “E’s” apresentados pelo modelo que seria o “E” do espetáculo.

O autor sugere que variáveis como a geração e constituição de ofertas e demandas, a capacidade de movimentar o contexto econômico e mercadológico e a viabilidade midiática são alguns dos fatores determinantes quando se fala em espetáculo. Se pensarmos apenas nesses fatores para falar da capoeira enquanto espetáculo ficamos um pouco restritos mesmo com a capoeira possuindo federações

em alguns estados, e promover campeonatos seja através dessas instituições ou de próprios grupos que realizam esses eventos, não podemos dizer que ela tem grande capacidade econômica ou que movimenta cifras como alguns esportes institucionalizados. E mesmo sendo utilizada para representar a brasilidade em muitos momentos, seja no Brasil ou em outros países, ela não está na mídia de forma tão intensa, e não possui produtos comercializados de forma massiva, pois os uniformes são particularidades de cada grupo. O abadá por exemplo, que é a calça utilizada pelo capoeirista não é uma peça de roupa que as pessoas usariam comumente, pensando na própria forma de vestir, já que é segurado na cintura pela corda da cor correspondente a graduação de quem a utiliza.

Normalmente a capoeira aparece a nível de Brasil em novelas, filmes e séries para retratar uma época do país, ou quando o contexto do programa se passa em cidades do nordeste como Salvador e Recife. Outro momento em que a capoeira ganha destaque é quando numa reportagem ou propaganda retrata os projetos sociais ou de inclusão normalmente realizados em comunidades carentes, seja por organizações sem fins lucrativos, por associações de moradores, prefeitura ou Estado. Dificilmente você vê a capoeira atrelada a comunidades e/ou instituições de grande poder monetário.

Marchi Júnior (2015) também sugere uma “tese de estágios” no processo de espetacularização que não necessariamente ocorrem na ordem mesmo todas essas etapas, seriam eles: o amadorismo, a institucionalização, a profissionalização e a mercantilização.

Sobre institucionalização, existe desde outubro de 1992 a Confederação Brasileira de Capoeira (CBC), única da modalidade a ser reconhecida pelo Comitê Olímpico Brasileiro, e é filiada à Federação Internacional de Capoeira (FICA). (COB, 2018). Existem dois sítios de mesmo domínio ([capoeiradobrasil.com.br](http://capoeiradobrasil.com.br)), ambos parecem estar fora de operação, porque suas atualizações foram feitas em 2001 e 2004. Nas redes sociais, ela possui uma página no Facebook em que suas últimas atualizações são de 2015, 2017 e uma de julho de 2018. (CBC, 2018a, CBC, 2018b).

Sobre a FICA, ela foi fundada em 1999 pelas Confederações Brasileira, Argentina, Portuguesa e Canadense de Capoeira. De acordo com o site do IPHAN (2018e), atualizado em julho de 2017, ela tem sede em Atibaia e Araras, São Paulo – Brasil, em Lisboa – Portugal, Lausane – Suíça e Oviedo – Espanha. Atua em 25 países (Brasil, Canadá, Estados Unidos, Argentina, México, Portugal, Espanha, França,



Suíça, Alemanha, Itália, Polônia, São Tomé e Príncipe, Azerbaijão, Estônia, Geórgia, Ucrânia, Rússia, Irã, Coreia do Sul, Turquia, China, Singapura, Malásia e Japão) tendo 52 grupos filiados e afirmando atuar em todos os estados brasileiros. Ela possui um *blog* em que a última publicação foi em agosto de 2015. (FICA, 2018).

Além da FICA, existe outra instituição internacional denominada Federação Mundial de Capoeira (World Capoeira Federation – WCF). Possui redes sociais atualizadas, em sua página do Facebook conta com mais de 10 mil membros e no Instagram são mais de 14 mil seguidores. Em seu site a última atualização é de maio de 2018, apresentando o resultado do “Campeonato Mundial de Capoeira Esportiva” realizado nos dias 11 e 12 de maio de 2018 em Baku, no Azerbaijão. No mesmo site constam 46 países registrados à WCF, seriam eles:

QUADRO 2 - PAÍSES REGISTRADOS À WORLD CAPOEIRA FEDERATION (WCF)

Alemanha	Angola	Argélia	Argentina	Austrália
Azerbaijão	Bélgica	Benin	Bolívia	Brasil
Canadá	Cazaquistão	Chile	Chipre	Cuba
Emirados Árabes	Equador	Eslováquia	Espanha	Estados Unidos
Estônia	Filipinas	França	Guiné	Hungria
Índia	Inglaterra	Irã	Israel	Itália
Japão	Macau	México	Moçambique	Nigéria
Nova Caledônia	Países Baixos	Peru	Polônia	Portugal
República Tcheca	Rússia	Suíça	Turquia	Ucrânia
Venezuela				

FONTE: A autora baseada no site do WCF (2018).

Não foram encontrados dados para afirmar ou não que a maioria dos capoeiristas tem conhecimento dessas instituições e/ou que seus grupos e associações sejam filiados e/ou participem de alguma atividade promovida por elas.

Sobre as atividades, sejam dessas instituições e/ou dos grupos de capoeira, o que normalmente são organizados são os campeonatos, e apesar de em sua maioria a participação acabar bastante regionalizada eles são intitulados de nacionais e internacionais, por haver um ou outro representante de fora do estado ou do país. Por não haver uma sistematização dessas informações, fica difícil dimensionarmos a quantidade de campeonatos existentes de forma regular e qual sua abrangência, justamente porque a organização acaba sendo centralizada em um único grupo. Mas o que é possível afirmar é que ambos os capoeiristas, competidores ou não, não ganham a vida competindo com a capoeira.

Há sim muitas pessoas que vivem e sobrevivem através da capoeira, seja dando aulas, fazendo apresentações, palestras, vendendo produtos. Mas de forma competitiva, como costumamos ver demais profissionais de outras áreas esportivas, não. Raramente irá se escutar de um capoeirista o discurso que ouve de atletas das demais modalidades esportivas, que ele está treinando para tal competição, que está se preparando para as eliminatórias, fase de grupo, semifinais. Ou ainda que o treinador ou técnico deu essa ou aquela instrução. Isso porque mesmo que haja campeonatos, a capoeira tem uma maneira muito distinta de existir. Por esses aspectos fica inviabilizado falar em profissionalização da capoeira.

Quando a capoeira é descrita, assim como quando definimos qualquer outra atividade ou vocábulo, apresentamos suas características, o que a distingue das demais coisas, e com isso mostramos suas peculiaridades. Na capoeira isso é bem comum pelo fato de existirem poucas práticas que se assemelham a ela, e assim como todo e qualquer produto defende ineditismo e qualidades, com a capoeira não é diferente. Isso poderia fazer com que a capoeira e tudo que envolve sua prática fossem excelentes mercadorias, ou seja, tornar vendível essas singularidades. Porém, na prática não é isso que ocorre, poucos os grupos e menor ainda o número de pessoas que definitivamente lucram com a capoeira.

Como mencionamos, nossos dados são empíricos, justamente por não haver trabalhos a respeito dessas informações, mas é possível perceber pela maioria dos discursos e das histórias contadas que poucos são os capoeiristas que enriquecem com a capoeira. A maioria que se dedica exclusivamente a prática sobrevive, e em situações nada abastadas. Assim, podemos não afirmar, mas ter indícios de que apesar de ser um excelente “produto”, poucos são os que sabem tornar a capoeira lucrativa e/ou vivem de uma capoeira que foi transformada em mercadoria.

Consequentemente, não temos as forças de oferta e demanda que giram o mercado. Não há esse sentimento de necessidade nas pessoas, dos produtos que a capoeira pode oferecer para sociedade. O que não movimenta cifras significativas, e nem assume papel de destaque em meio a tantos outros produtos.

O fato da capoeira ainda ser associada a práticas religiosas, ou ainda a parte da população menos favorecida, às pessoas de pele escura, aos com menor grau de instrução, pode influenciar nesse descaso ou menosprezo pelo mercado econômico. Em contrapartida é o que chama atenção das pessoas fora do Brasil. Mais uma vez o que trazemos é um dado empírico, porém quando se escuta relatos de praticantes fora do país, o que ouvimos é a maneira como se interessam por todas essas características mencionadas que não integralmente, mas que parte dos brasileiros desdenha. O que também pode-se sugerir o fato de tantos grupos ou capoeiristas terem conquistado riqueza e/ou fama em outros países.

Pensando em tudo que foi dito, de maneira geral poderíamos classificar a capoeira ainda como uma prática amadora; de subsistência para a maioria que se dedica a ela como profissão, e de prazer, diversão, desafio para quem a pratica, principalmente pelo fato de não haver remuneração, pelo contrário, para que se possa praticá-la é necessário pagar as academias e associações que ofertam a prática. Outro fator que a distancia de uma prática profissional é que diferente dos atletas de rendimento, que exercem sua modalidade visando a competição, *performance* e resultado, a grande maioria dos capoeiristas realiza a prática sem essas exigências.

No amadorismo o praticante cultiva a prática por amor, prazer, estilo de vida e não por profissão, ou seja, sem visar interesse monetário. (VLASTUIN; ALMEIDA; MARCHI JÚNIOR, 2008). Já o profissional exerce a atividade como uma ocupação especializada, a ponto de adquirir novos hábitos e regras para seu dia a dia, cumprindo-as de forma minuciosa. Não estamos excluindo a competição da prática amadora, afinal muitos clubes, associações, times, jogadores estão rodeados e amparados por toda a infraestrutura que o profissionalismo exige, como o espaço propriamente dito, com toda a infraestrutura necessária, dirigentes, técnicos e treinadores, preparadores físicos, fisioterapeutas, nutricionistas, entre outros profissionais, além de patrocinadores. Porém, um dos pontos que estamos salientando é a dedicação exclusiva à prática e a remuneração periódica do praticante, tendo a atividade como meio de sobrevivência.

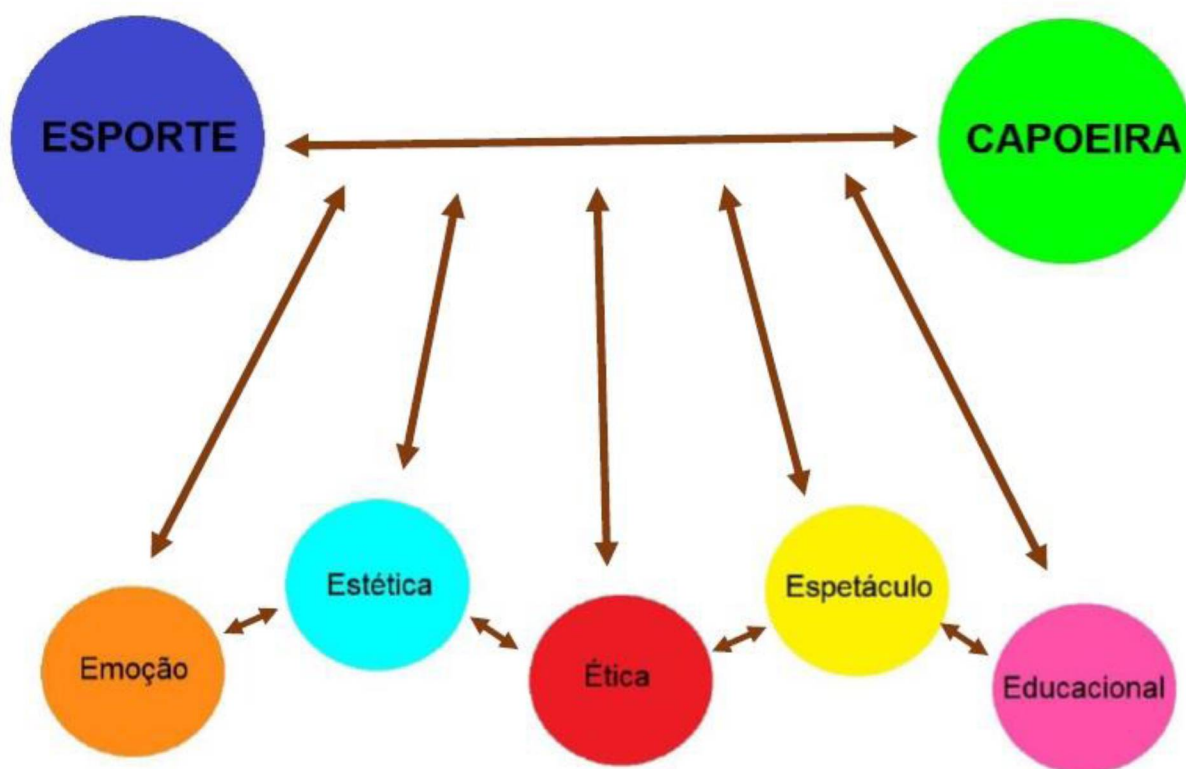
E quando falamos de uma prática esportiva espetacularizada, podemos nos referir a uma ferramenta estratégica para alavancar negócios, pois as competições, sobretudo aquelas com grande repercussão popular e que são televisionadas, são uma excelente oportunidade empresarial. O marketing esportivo se utiliza de times e dos próprios atletas para inspirar, motivar e induzir a compra de produtos e serviços a todos sem distinção. (VLASTUIN; ALMEIDA; MARCHI JÚNIOR, 2008). Mas esse comportamento não se aplica a capoeira.

Refletindo sobre suas características e o que fora apresentado até aqui, é possível perceber que a capoeira tem forte traço pedagógico, já que a todo momento visa o processo de ensino e aprendizagem, seja através da parte física, seus movimentos e técnicas; da historicidade, repassando o conhecimento adquirido, as histórias, os acontecimentos; da cultura, com suas danças, folclore, costumes; e da oralidade que é como tudo isso acontece, e também o que a difere de grande parte das modalidades esportivas, pois não existe uma sistematização dessa prática, e diferente dos esportes institucionalizados, a forma de jogar, suas técnicas, táticas e regras não funcionam e não são essencialmente as mesmas em todos os lugares.

Independente disso o caráter formativo se faz presente na capoeira, pode não ser da maneira como retratado pelo “E” da Educação apresentado no modelo de análise utilizado, em que Marchi Júnior descreve que essa dimensão dá subsídios para a formação crítica e reflexiva do sujeito, talvez esse seja um ponto criterioso demais para avaliarmos e através de juízo de valor afirmar ou não que isso acontece. Mas podemos aproximar quando o autor cita que esse “E” seria o responsável por conectar os demais “E’s”. Isso é possível perceber na capoeira, a união da emoção com a estética, com a ética e também com o espetáculo, nesse sentido de show que apresentamos mais acima. Um desperta o outro e a educação ou o educacional envolveria todos eles.

Numa tentativa de elucidar o que foi apresentado, criamos uma ilustração de como funcionaria na prática a relação do esporte com a capoeira e os 5 “E’s”, mostrando que as vias são sempre de mão dupla, ou seja, que o diálogo acontece entre o esporte e a capoeira, entre a capoeira e o esporte, entre o esporte e os “E’s”, entre a capoeira e os “E’s”, e entre os próprios “E’s”.

FIGURA 18 - RELAÇÃO ESPORTE – CAPOEIRA E OS 5 E's



Fonte: A autora (2018).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que o objetivo dessa pesquisa, assim como de qualquer pesquisa qualitativa e de cunho sociológico é preocupar-se com determinados aspectos da realidade, buscando compreender e explicar uma determinada dinâmica, uma parcela dentro de um todo de relações sociais e fatos, e ao final obrigatoriamente produzir novas informações e suscitar novas demandas e discussões, trago minhas conclusões acerca do que foi apresentado nesta dissertação finalizando a pesquisa, e não o debate.

No intuito de analisar as possibilidades de aproximação e distanciamento da capoeira e do esporte a partir de uma perspectiva polissêmica, tive obviamente como objeto desse estudo essas duas manifestações, capoeira e esporte, o que me possibilitou identificar aspectos até então não tão claros para mim de cada um deles.

Foi importante antes de mais nada ter o aporte teórico sobre o esporte e seus conceitos para entender que assim como em outras áreas ele foi se modificando ao longo do tempo, agregando cada vez mais significados e entendimentos, o que me faz compreender que ele sempre foi polissêmico, o que acontecia era que não se tinha compreensão dessa variedade de significados, ou ainda que o diálogo entre as pessoas que discutiam o assunto não acontecia. Isso não quer dizer que hoje acontece, mas ele existe de uma maneira muito mais ampla e cada vez mais no sentido de agregar e não excluir.

Por este motivo a escolha do modelo de análise de Wanderley Marchi Júnior, que trata dessa ideia maior de esporte, sendo um modelo que tenta fomentar as dificuldades e limitações em se definir e entender o que vem ser esporte na contemporaneidade. Ele foi importante para a construção dessa pesquisa, porque exterioriza o que vem ser o novo entendimento sobre esporte de que estamos falando, e afirmo que deu “asas” a minha imaginação multiplicando as inúmeras possibilidades de retratar o esporte polissêmico.

Acredito que devemos sempre adequar nosso olhar a realidade do que estamos tratando, suas peculiaridades e interpretações. Para nos auxiliar nessa tarefa é importante fazermos as reflexões sempre analisando teoria e realidade ao mesmo tempo, além do contexto histórico e social em que o objeto está inserido, pois nem

sempre o que está retratado na teoria acontece e/ou influencia diretamente na prática e em suas relações, ou vice-versa.

Se pensarmos, por exemplo, na época dos primeiros registros da capoeira muito se distingue da capoeira que temos hoje, mas foi importante e necessário analisar esses registros para entender como ela evoluiu e se desenvolveu ao longo desses anos até se estabelecer no cenário que hoje se encontra.

Muito provavelmente um número grande de capoeiristas não pensa em relacionar capoeira com esporte, assim como estudiosos do esporte, ou até mesmo o senso comum não pensa em relacionar o esporte com a capoeira. E esse foi um dos fatores, sendo capoeirista e pesquisadora, que me motivou a desenvolver esse trabalho, para desmistificar essa ideia que eu mesma já tive, já que a definição de esporte polissêmico não é amplamente difundida ou defendida por uma grande maioria. Acredito que consegui pois apresentei inúmeras possibilidades de aproximação da capoeira com cada “E”, assim como tentei ampliar a abrangência das próprias dimensões, inserindo novas possibilidades de definição para algumas delas.

Apesar do objetivo da pesquisa não ser responder o que é capoeira e o que é esporte, ficou mais claro o entendimento de ambos os fenômenos visto por um olhar mais ampliado. Quando tratamos o esporte como sendo polissêmico isso nos permite ampliar a abrangência de definições e analisar algumas práticas, como foi o caso da capoeira, sob um olhar supostamente esportivo. Claro que a escolha do modelo de análise foi proposital, do contrário dificilmente haveria diálogo entre ambos os conceitos, mas é importante ressaltar que esse é sim o entendimento de esporte que queremos acreditar e que está em desenvolvimento.

Partindo então do que foi proposto para este trabalho foi possível atingir nossos objetivos de apresentar variados conceitos de esporte chegando no modelo de análise polissêmico, identificar as principais características que faz da capoeira multidimensional possibilitando essa aproximação com o modelo, e por fim sendo o objetivo principal relacionar a capoeira ao modelo polissêmico de interpretação do esporte contemporâneo, analisando quais as possibilidades de aproximação ou não entre eles.

A análise feita no capítulo 4 “Entre a ginga da capoeira e as dimensões do esporte: aproximações e distanciamentos a partir de um olhar polissêmico possibilitou como já esperava muitas aproximações e alguns distanciamentos. Aproximações quando nos referimos a todas as dimensões apresentadas, algumas com um grau

maior de possibilidades e outras um pouco menos. Com maior proximidade como no “E” da Emoção por exemplo, que na capoeira ocorre assim como é descrito no modelo, com situações de desafio, de riscos controlados, de excitação e ansiedade. Ou no “E” da Ética que é a busca e o ensinamento de valores, critérios, princípios, hierarquia, regras, o *fair play*, e o próprio respeito a essas normas que são construídas e estabelecidas dentro da prática, mas que hipocritamente nem sempre são aceitas ou praticadas por parte da sociedade.

E as dimensões que também se aproximam, porém não com tanta similaridade ao texto, e o que fez com que eu ampliasse a gama de significados possíveis para o mesmo “E”, como no caso da Estética que no modelo refere-se a associação ao discurso de saúde, bem-estar, aos estereótipos, a busca por um padrão de beleza estabelecido, a formação de um estilo de vida, que se aproxima sim com as características presentes na capoeira, mas que para além dessas definições podemos incluir a estética num sentido de plasticidade da prática, tanto ao executar e suas exigências, como a beleza do olhar para essa estética, o que inevitavelmente atrai não só os praticantes, como também o espectador.

Nesse sentido também podemos citar o “E” do Educacional, que como no modelo faz o papel de interconectar os demais “E’s”, fazendo com que haja interação e diálogo entre eles, mas não necessariamente um processo de reflexividade e criticidade tanto por parte de quem ensina, como de seus praticantes. Já que nem sempre existe densidade, rigor e fundamento por parte de quem detém o saber ou de quem o transmite.

A última dimensão que nos resta apresentar é a que se distancia do que é apresentado no modelo de análise, o “E” do Espetáculo. Nessa perspectiva Marchi Júnior traz algumas variáveis que seriam determinantes para estruturar o processo do espetáculo, como a capacidade de movimentar o contexto econômico, a geração de ofertas e demandas, a viabilidade midiática e a capacidade de interferência global. Nesses aspectos não foi identificado muita proximidade com a capoeira, que apesar de estar atrelada a instituições formais, de estar presente em muitos países e de haver campeonatos, ainda não consegue assumir um papel de destaque no globo, não é elitizada, ao contrário, segue sendo menosprezada por todo o contexto histórico e pelas associações ainda feitas com religião, cor da pele e o próprio enlace com a escravidão, além de não movimentar cifras significativas apesar de alguns grupos/associações de capoeira lucrarem muito.



Esse distanciamento identificado não nos impediu de assim como na dimensão da Ética ampliar as possibilidades de definição desse “E”. Quando incluimos que espetáculo também pode ser definido como aquilo que prende e/ou chama atenção, algo atraente, envolvente, uma apresentação de algo excepcional e interessante que seja belo, cativante e agradável de olhar e/ou realizar, podemos sim aproximar essa dimensão da prática da capoeira.

É importante ressaltar que esse é um entendimento dentro das inúmeras possibilidades em associar e/ou tentar caracterizar duas ou mais manifestações. Que em nenhum momento o intuito dessa dissertação é concluir e/ou afirmar que capoeira é ou não esporte, pois dessa forma estaríamos enrigecendo os conceitos, indo em desencontro ao discurso aqui apresentando.

Acredito que a motivação de apresentar essa “nova” forma de olhar para o esporte e a viabilidade em isso se concretizar unindo a capoeira que também tem diversos entendimentos e olhares oportuniza espaço para novos debates acerca de ambas as temáticas. Penso que minha iniciativa em realizar essa discussão pode ser considerada ousada pelo fato de muito do que foi apresentado ter sido dados empíricos, porém julgo que era uma demanda necessária e que irá agregar para ambos os contextos, agora de forma sistematizada.

Mesmo o número de pessoas interessadas em discutir a capoeira ser crescente, a área ainda carece de estudos acadêmicos, que discutam e dialoguem a prática com as mais variadas temáticas, como foi o caso do esporte. Considero olhar e estudar o espaço social em que a capoeira se desenvolve, assim como as diferentes manifestações de esporte e seus variados entendimentos um dos caminhos para uma melhor compreensão de ambos os fenômenos, se esforçando para que o olhar seja sempre livre, liberto de vícios, pré-conceitos e determinismos, culminando assim num resultado que pode nem sempre ser assertivo, mas tentando não ser impositivo para que sempre haja o diálogo.

## REFERÊNCIAS

- ABADÁ CAPOEIRA. Cartaz de divulgação do XVII Campeonato Europeu Abadá de Capoeira – França, 2015. Disponível em: <<https://www.capoeiratroyes.com/jeux-europens-2015?lightbox=i01pvq>>. Acesso em 02 fev. 2018.
- ABREU, F. J. DE. A Repressão à capoeira. **Revista Textos do Brasil**, p. 35–43, 2008.
- ADORO CINEMA. Cartaz do filme “Besouro: da capoeira, nasce um herói” – 2009. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-177506/fotos/detalhe/?cmediafile=19909969>>. Acesso em 14 mar. 2018.
- ALMEIDA, R. C. A. DE. **A saga de Mestre Bimba**. Salvador: Ginga Associação de Capoeira, 1994.
- ALVES, L. P.; MONTAGNER, P. C. A Esportivização da Capoeira: Reflexões teóricas introdutórias. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, v. 6, ed. Especial, p. 510–521, 2008.
- AMARAL, M. G. T. DO; SANTOS, V. S. DOS. Capoeira , herdeira da diáspora negra do Atlântico : de arte criminalizada a instrumento de educação e cidadania. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 62, 2015.
- ANJOS, E. D. DOS. Capoeira: Metáforas em Movimento. **Revista Textos do Brasil**, p. 81-85, 2008.
- AREIAS, A. DAS. **O que é capoeira**. São Paulo: Brasiliense, v. 3, 1983.
- AZEVEDO, P. H. O esporte como negócio: uma visão sobre a gestão do esporte nos dias atuais. **Estudos**, v. 36, n. 9/10, p. 929–939, 2009.
- BALBINOTTI, M. A. A.; CAPOZZOLI, C. J. Motivação à prática regular de atividade física: um estudo exploratório com praticantes em academias de ginástica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 63-80, jan./mar. 2008.
- BARBANTI, V. O Que É Esporte? **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 11, n. 1, p. 54–58, 2006.
- BARBOSA, W. DE D. A capoeira e a herança afrobrasileira no contexto da realização do “inventário da capoeira” para a Diretoria de Patrimônio Imaterial do IPHAN. **Vivência: Revista de Antropologia**, v. 1, n. 42, p. 25–39, 2013.
- BARROSO, A. L. R.; DARIDO, S. C. Escola, Educação física e Esporte: Possibilidades Pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, v. 1, n. 4, p. 101–114, dez. 2006.

BENTO, J. O. **Desporto: discurso e substância**. Porto: Campo das Letras, 2004.

BETTI, M. **A Janela de Vidro: Esporte, Televisão e Educação Física**. 1997. 290f. Tese (Doutorado em Educação) UNICAMP, Campinas, 1997.

BONFIM, G. C. S. A prática da capoeira na educação física e sua contribuição para a aplicação da Lei 10.639 no ambiente escolar: a capoeira como meio de inclusão social e da cidadania. In: Congresso Nordeste De Ciências Do Esporte: Corpo e Cultura, 3., 2010. LOCAL. Anais... Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), 2010. s/p.

BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_\_. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Unesp, 2004.

\_\_\_\_\_. Programa para uma sociologia do esporte. In: \_\_\_\_ **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990b. p. 207-220.

\_\_\_\_\_. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRASIL. **Dossiê - Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil**. Brasília, 2007.

BRASÍLIA. Lei nº. 11.645, de 10 de março de 2008. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm)>. Acesso em: 30 mar. 2018.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência**. 1999. 209f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) UNICAMP, Campinas, 1999.

CAIS DA BAHIA. Mestre Bimba. Disponível em: <<https://www.caisdabahia.com.br/bimba>>. Acesso em: 07 jan. 2018.

CAMPOS, H. **Capoeira na escola**. Salvador: EDUFBA, 2001.

CARNEIRO, E. **Candomblés da Bahia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

CBC. Disponível em: <<http://www.capoeiradobrasil.com.br/>>. Acesso em: 07 set.2018a.

CBC. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Confederação-Brasileira-De-Capoeira-1421524528175948/>>. Acesso em: 07 set.2018b.

C.E.C.A. Mestre Pastinha. Disponível em: <<https://ceca-riovermelho.org.br/mestre/mestre-pastinha-2-2/>>. Acesso em: 07 jan. 2018.

CMC. Disponível em: <<https://www.cmc.pr.gov.br/ver.php>>. Acesso em: 25 jan.2018.

COB. Disponível em: <<https://www.cob.org.br/pt/confederacoes/CBCapoeira>>. Acesso em: 07 set.18.

CONDURU, G. F. As Metamorfoses da Capoeira: Contribuição para uma História da Capoeira. **Revista Textos do Brasil**, p. 21-33, 2008.

CUNHA, I. M. C. F. DA et al. Capoeira: a Memória Social Construída Por Meio Do Corpo. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, v. 20, n. 2, p. 735–755, 2014.

DUNNING, E. **Sport Matters** - Sociological studies of sport, violence and civilization. London: Routledge, 1999.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador** - Volume 1: Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

\_\_\_\_\_. **O Processo Civilizador** - Volume 2: Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1985.

FALCÃO, J. L. C. A Internacionalização da Capoeira. **Revista textos do Brasil**, p. 124-133, 2008.

FICA. Disponível em: <<http://federacaointernacionaldecapoeira.blogspot.com/>>. Acesso em: 07 set.2018.

F.I.CAP. A.S.D affiliate e riconosciute, 2018. Disponível em: <[http://www.capoeira.it/asd\\_aff.html](http://www.capoeira.it/asd_aff.html)>. Acesso em: 02 fev. 2018.

FILHOS DE ANGOLA. Cartaz de divulgação do XV Encontro Internacional de capoeira Filhos de Angola – Berlin, 2016. Disponível em: <<http://www.filhosdeangola.de/Bilder.html>>. Acesso em 02 fev. 2018.

FONTOURA, A.; GUIMARÃES, A. História da capoeira. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 13, n. 2, p. 141–150, 2008.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Pintura de Carybe retratando a capoeira. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/archives/42409/capoeira-3>>. Acesso em: 07 jan. 2018.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (organizadoras). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GLOBO. Personagem Zé Maria da novela “Lado a Lado” da Rede Globo ensina capoeira a crianças – 2012/2013. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/lado-a-lado/por-tras-das->

cameras/noticia/2013/01/paixao-antiga-de-lazaro-ramos-capoeira-conquista-elencolim-de-lado-a-lado.html>. Acesso em: 14 mar.2018.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57–63, abr. 1995d.

GUIZARDI, M. L. “Genuinamente brasileira”. La nacionalización y expansión de la capoeira como práctica social en Brasil. **Revista Iberoamericana de Filosofía, Políticas y Humanidades**, año 13, n. 26, p. 72-100, 2011.

HOBSBAWM, E. **Sobre história**. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

INSTITUTO ANTÔNIO CARLOS JOBIM. Roda de capoeira que aconteceu em Genebra, na Suíça durante o discurso de Gilberto Gil na convenção das nações Unidas em 2004. Disponível em: <<http://www.jobim.org/gil/handle/2010.4/910>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

IPHAN. Disponível em: <<http://www.capoeira.gov.br/grupo/infor/153>>. Acesso em: 07 set.2018e.

IPHAN. Frevo em Recife/PE na década de 1950. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/images/Diversas/PE\\_IMAT/PE\\_Frevo\\_Passista\\_Acervo\\_Iphan\\_01.jpg](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/images/Diversas/PE_IMAT/PE_Frevo_Passista_Acervo_Iphan_01.jpg)>. Acesso em: 07 jan. 2018a.

IPHAN. Frevo em Recife/PE na atualidade. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/images/Diversas/PE\\_IMAT/PE\\_Recife\\_Passista\\_Frevo\\_Acervo\\_Prefeitura\\_Recife.jpg](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/images/Diversas/PE_IMAT/PE_Recife_Passista_Frevo_Acervo_Prefeitura_Recife.jpg)>. Acesso em: 07 jan. 2018b.

IPHAN. Registro da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil. n. 71, p. 1–19, 2008.

IPHAN. Registro da Roda de Capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/66>>. Acesso em: 07 jan. 2018d.

IPHAN. Roda de capoeira por Pierre Verger. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/ce/noticias/detalhes/1810/abril-para-angola-leva-mestre-joao-grande-ao-ceara>>. Acesso em: 07 jan. 2018c.

KOSELLECK, R. **Futuro passado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

KUNZ, E. Esporte: uma abordagem com a fenomenologia. **Movimento**, v. 6, n. 12, p. 1–13, 2000.

LUSSAC, R. M. P.; TUBINO, M. J. G. Capoeira: a história e trajetória de um patrimônio cultural do Brasil. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 20, n. 1, p. 7–16, 2009.

MARCHI JÚNIOR, W. Como é possível ser esportivo e sociológico? In: GEBARA, A.; PILATTI, L. A. (Org.). **Ensaio sobre história e sociologia nos esportes**. Jundiaí: Fontoura, 2006. p. 159-195. (Coleção Norbert Elias, v. 2.).

\_\_\_\_\_. Bourdieu e a teoria do campo esportivo. In, **Esporte história e sociedade**. PRONI, M.; LUCENA, R. (orgs). Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

MARCHI JÚNIOR, W. O Esporte “em cena”: perspectivas históricas e interpretações conceituais para a construção de um modelo analítico. **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sports**. Curitiba, v. 5, n. 1, p. 46-67, 2015.

MARQUES, R. F. R. **Esporte e Qualidade de Vida: Reflexão sociológica**. 2007. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) UNICAMP, Campinas, 2007.

MARQUES, R. F. R. O Conceito de Esporte como fenômeno globalizado: pluralidade e controvérsias. **Revista Observatorio Del Deporte**, v. 1, n. 1, p. 147–185, jan. 2015.

MARQUES, R. F. R.; ALMEIDA, M. A. B. DE; GUTIERREZ, G. L. Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. **Movimento**, v. 13, n. 3, p. 225–242, 2007.

MATUMBÉ CAPOEIRA. Cartaz de divulgação do encontro internacional de capoeira angola do grupo Matumbé Capoeira – Itália, 2018. Disponível em: <<http://rome.carpediem.cd/events/5476597-roma-encontro-de-capoeira-angola-2018-at-matumb-capoeira-roma/>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

MELLO, A. DA S. Esse nego é o diabo, ele é capoeira ou da motricidade brasileira. **Revista Discorpo**, São Paulo, n. 6, p. 29-39, 1996.

MELO, V. A. DE. Por uma história do conceito esporte: diálogos com Reinhart Koselleck. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v. 32, n. 1, p. 41-57, 2010.

MEMORIAL DA DEMOCRACIA. Mestre Bimba cumprimenta o presidente Getúlio Vargas após apresentação em Salvador – 1953. Disponível em: <<http://memorialdademocracia.com.br/card/academia-de-mestre-bimba-e-reconhecida>>. Acesso em: 07 jan. 2018

MESTRE POP. Disponível em: <<http://www.mestrepop.com.br/projetos-sociais>>. Acesso em 06.jul.2018.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Países em que a capoeira é praticada e o número de locais em cada um deles de acordo com o site do Ministério das Relações Exteriores em fevereiro de 2018. Disponível em: <<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/associacoes-de-capoeira-no-mundo>>. Acesso em: 01 fev. 2018.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. Capoeira é reconhecida como esporte e praticantes podem se candidatar ao Bolsa Atleta, 2016. Disponível em: <<http://hojeemdia.com.br/esportes/mais-esportes/capoeira-%C3%A9-reconhecida->

como-esporte-e-praticantes-podem-se-candidatar-ao-bolsa-atleta-1.356288>. Acesso em: 30 mar. 2018.

OLIVEIRA, J. C.B.; SILVA FILHO, J. N.; ELICKER, E. Esporte: um meio de educar e socializar crianças. **EFDeportes.com Revista Digital**, Buenos Aires, ano 19, n. 193, jun. 2014.

OLIVEIRA, J. P. DE; LEAL, L. A. P. **Capoeira, identidade e gênero**: Ensaio sobre a história social da Capoeira no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009.

OLIVEIRA, T. D.; SILVA, F. A. F.; OLIVEIRA, L. C. D. A influência da atividade física no processo de socialização da pessoa idosa. **FIEP Bulletin**, v. 85, Special Edition, 2015.

PAES, R. R. **Educação Física Escolar**: O Esporte Como Conteúdo Pedagógico Do Ensino Fundamental. 1996. 206f. Tese (Doutorado em Educação) UNICAMP, Campinas, 1996.

PILATTI, L. A. **Pedagogia do esporte**. 1995. 93f. Dissertação (Mestrado em Educação) UNIMEP, Piracicaba, 1995.

\_\_\_\_\_. Uma lectura figuracional del origen de los deportes. In **Poder, prácticas sociales y processo civilizador**: los usos de Norbert Elias. KAPLAN, C. V.; ORCE, V. (orgs.). Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2009.

PIRES, A. L. C. S. Capoeira é defesa, ataque, ginga do corpo e malandragem. **Revista Textos do Brasil**, p. 55–59, 2008.

PREFEITURA DE SÃO JOSÉ DOS PINHAIS. Cartaz de divulgação do projeto “Esporte em Ação” no município de São José dos Pinhais. Disponível em: <<http://www.sjp.pr.gov.br/voleibol-parceria-entre-prefeitura-e-instituto-compartilhar-bernardinho-abre-novo-nucleo-em-sao-jose-dos-pinhais/>>. Acesso em 14 mar. 2018.

PRONI, M. W. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. 1998. 270f. Tese (Doutorado em Educação Física) UNICAMP, Campinas, 1998.

REGO, W. **Capoeira angola: ensaio sócioetnográfico**. Salvador: Itapuã, 1968.

ROBSON, D. Why music has a hotline to our emotions. Disponível em: <<http://www.bbc.com/future/story/20150918-why-music-has-a-hotline-to-our-emotions>>. Acesso em 23 ago.2018.

RUGENDAS, J. M. Danse de la guerre. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/publicacao-do-unesco-sobre-patrimonio-cultural-imaterial-e-lancada-em-portugues/>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

SANTOS, L. S. **Educação, Educação Física, Capoeira**. Maringá: Imprensa Universitária, 1990.



SCHWENCK, F. A.; REIS, R. P.; RABELO, A. S, Motivos que levam à prática da capoeira. **EFDeportes.com Revista Digital**, Buenos Aires, ano 16, n. 156, mai. 2011.

SENADO FEDERAL. Comissão de Educação aprova projeto que permite o ensino de capoeira nas escolas, 2015. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2015/05/19/comissao-de-educacao-aprova-projeto-que-permite-o-ensino-de-capoeira-nas-escolas>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

SOUZA, D. L.; VENDRUSCULO, R. Fatores determinantes para a continuidade da participação de idosos em programas de atividade física: a experiência dos participantes do projeto "Sem Fronteiras". **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 95-105, jan./mar. 2010.

SOUZA, J. DE; MARCHI JR., W. Por uma sociologia reflexiva do esporte: Considerações teórico-metodológicas a partir da obra de Pierre Bourdieu. **Movimento**, v. 16, n. 1, p. 293–315, jan. 2010.

STIGGER, M. P. **Educação Física, Esporte e Diversidade**. Autores Associados, 2005.

\_\_\_\_\_. **Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

TUBINO, M. **Estudos brasileiros sobre o esporte: Ênfase no esporte-educação**. 21. ed. Maringá: Eduem, 2010.

VAZ, A. F. Teoria Crítica do Esporte: origens, polêmicas, atualidade. **Revista Esporte e Sociedade**, v. 1, n. 1, p. 1–23, nov. 2005.

VIEIRA, L. R. **A capoeira e as políticas de salvaguarda do patrimônio imaterial: legitimação e reconhecimento de uma manifestação cultural de origem popular**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2012.

\_\_\_\_\_. **O jogo da capoeira: corpo e cultura popular no Brasil**. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.

\_\_\_\_\_. A história da capoeira IV. A capoeira Regional. **Revista Combat Sport**, São Paulo, n. 23, maio 1995.

VIEIRA, L. R.; ASSUNÇÃO, M. R. Mitos, controvérsias e fatos: Construindo a história da capoeira. **Revista de Estudos Afro-Asiáticos**, n. 34, p. 81-121, 1998.

\_\_\_\_\_. Os Desafios Contemporâneos da Capoeira. **Revista Textos do Brasil**, p. 9–19, 2008.

\_\_\_\_\_. Os brasileiros Mestre Falcão e Mestre Luiz Renato jogando capoeira em Paris – 1995, 2010. Disponível em:

<<http://estudoscapoeira.blogspot.com.br/2010/09/capoeira-e-cultura-internacional.html>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

VLASTUIN, J.; ALMEIDA, B. S.; MARCHI JÚNIOR, W. O Marketing esportivo na gestão do voleibol brasileiro: fragmentos teóricos referentes ao processo de espetacularização da modalidade. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 29, n. 3, p. 9-24, mai. 2008.

WCF. Disponível em: <<http://mundialcapoeira.com/>>. Acesso em: 07 set.2018.

## ANEXOS

**QUADRO 1** – PAÍSES EM QUE A CAPOEIRA É PRATICADA E O NÚMERO DE LOCAIS EM QUE EXISTE A PRÁTICA DA CAPOEIRA EM CADA UM DELES DE ACORDO COM O SITE DO MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES EM FEVEREIRO DE 2018.

<b>PAÍS</b>	<b>QUANTIDADE DE LOCAIS EM QUE A CAPOEIRA É OFERTADA</b>
África do Sul	7
Alemanha	25
Angola	6
Argélia	2
Argentina	17
Armênia	2
Austrália	2
Azerbaijão	1
Bélgica	1
Benin	1
Bolívia	4
Bósnia Herzegovina	1
Botsuana	1
Canadá	8
Cabo Verde	2
China	11
Chile	4
Cingapura	1
Colômbia	4
Croácia	7
Cuba	2
Dinamarca	4
Eslováquia	3
Eslovênia	3
Espanha	46

Estados Unidos	132
Filipinas	2
Finlândia	12
França	1
Grécia	7
Guatemala	1
Guiana Francesa	2
Haiti	1
Hong Kong	2
Índia	2
Indonésia	2
Irã	1
Irlanda	10
Itália	1
Jamaica	1
Japão	96
Jordânia	1
Kuwait	1
Liechtenstein	1
Malásia	5
México	1
Marrocos	2
Nova Zelândia	5
Omã	1
Países Baixos (Holanda)	3
Paquistão	1
Paraguai	1
Peru	3
Portugal	6
Polônia	9
Quênia	1
República Tcheca	17
Senegal	2

Suíça	17
Tailândia	1
Taiwan	2
Tanzânia	2
Timor Leste	1
Trinidad e Tobago	1
Tunísia	1
Turquia	1
Ucrânia	12
Uruguai	1
Venezuela	6
Zimbábue	1

FONTE: A autora baseada em MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES  
(2018).